



Associação Brasileira dos
Exportadores de Gado

Avenida Governador José Malcher, 485 - loja B
Belém do Pará, Pará
66035-100
91 32221393

AS EXPORTAÇÕES DE BOVINOS VIVOS NO CONTEXTO DA PECUÁRIA BRASILEIRA

ABRIL 2012



17 3343 5111
www.scotconsultoria.com.br
scotconsultoria@scotconsultoria.com.br
Caixa postal 14, Bebedouro - SP, 14700 - 970



SCOT
CONSULTORIA®



EQUIPE

ANÁLISES

Alex Santos Lopes da Silva – zootecnista
Gustavo Adolpho Maranhão Aguiar – zootecnista
Hyberville Paulo D’Athayde Neto – médico veterinário
Rafael Ribeiro de Lima Filho – zootecnista

COORDENADOR TÉCNICO

Alex Santos Lopes da Silva – zootecnista

COORDENADOR GERAL

Alcides Torres – engenheiro agrônomo

EQUIPE DE APOIO

Caio Carvalho – analista de sistemas
Douglas Coelho de Oliveira – zootecnista
Ellen Ribeiro – administradora de empresas
Fábio Luiz Martins da Silva – graduando em zootecnia
Jéssyca Guerra – zootecnista
Juliana Frutuoso Hyppolito – matemática
Juliana Pila – graduanda em zootecnia
Lucas Strabelli – assistente de tecnologia
Marco Túlio Habib Silva – engenheiro agrônomo
Nadia Oliveira – zootecnista
Pamela Alves – zootecnista
Renato Fagundes Bittencourt – zootecnista

Scot Consultoria

As melhores e mais fiéis informações do mercado



REFERÊNCIA

página

SUMÁRIO EXECUTIVO	6
1. HISTÓRICO DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ NO BRASIL	10
1.1.Estados exportadores	11
1.2.Principais destinos	12
2. VANTAGENS DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ	14
2.1. Incremento na quantidade de compradores	15
3. PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE GADO EM PÉ NA PRODUÇÃO BRASILEIRA	17
3.1. Relação entre o gado exportado e o abatido no Brasil.....	18
3.2. Relação entre o gado exportado e a produção de carne.....	19
3.3. Rebanho necessário para a demanda da exportação	19
4. EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VERSUS EXPORTAÇÃO DE CARNE	21
4.1. Evolução das exportações de carne e de bovinos.....	22
4.2. Demanda de bovinos para cada atividade.....	24
4.3. O exemplo da Austrália	26
5. IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ .	27
5.1. Pecuária em números no Pará.....	27
5.2. Participação da pecuária no PIB estadual	30
5.3. Exportação de gado em pé e a geração de renda	31
6. OS GANHOS DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ COM AS EXPORTAÇÕES DE ANIMAIS VIVOS	35
7. EXPORTAÇÃO DE ANIMAIS MELHORADORES.....	39
8. PONTOS FAVORÁVEIS A NÃO TAXAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE BOVINOS .	44
8.1. Isonomia Fiscal	44
8.2. Demanda e arrecadação de impostos	46
Setores que tiveram a arrecadação quantificada	47
8.2.1. Descrição da metodologia	48
Alimentos concentrados.....	48
Protéicos.....	48
Energéticos	48
Arames	48
Corretivos agrícolas	48
Defensivos agrícolas	49
Fertilizantes	49
Genética	49
Tourinhos	49
Sêmen	50
Sementes forrageiras	50
Suplementos minerais.....	50
Colaboradores	50
8.2.2 Resultados	51
8.2.2.1 Indústria de insumos.....	51
8.2.2.2 Na fazenda	52
9. FINAL.....	53
10. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	54

ÍNDICE GERAL



REFERÊNCIA

Página

1. Exportações de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil.....	10
2. Exportações de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil.....	11
3. Participações dos estados nas exportações de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil.....	12
4. Participações dos compradores de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil, em número de cabeças exportadas.....	13
5. Comparação do rebanho necessário para gerar a oferta de animais exportados.....	20
6. Rebanho bovino.....	27
7. Maiores rebanhos do Pará.....	28
8. Participação da receita com as exportações de gado em pé do Pará no PIB do estado.....	33
9. Participação por país nas exportações brasileiras de animais melhoradores.....	40
10. Exportações brasileiras de bovinos melhoradores.....	41
11. Participação dos estados exportadores no total de animais melhoradores embarcados pelo Brasil.....	41
12. Créditos e tributos incidentes.....	46
13. Impostos incidentes em cada setor analisado.....	47
14. Faturamento bruto e impostos pagos pela indústria de insumos analisadas em 2010.....	51

ÍNDICE DE TABELAS



REFERÊNCIA

Página

1. Exportações de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil, em mil cabeças.....	11
2. Participação dos mercados de bovinos para engorda e/ou abate exportados do Brasil em 2011, em participação na quantidade. ...	12
3. Quantidade de bovinos (exceto para reprodução) exportados por destino, em mil cabeças.....	13
4. Apenas alguns exemplos de insumos utilizados na pecuária, antes da porteira.	14
5. Evolução dos preços do boi gordo em São Paulo (eixo da esquerda) e vendas de sêmen (eixo da direita).	15
6. Esquema de comercialização da produção pecuária.	16
7. Relação entre a quantidade de bovinos exportada e o efetivo bovino do país.....	17
8. Relação entre a quantidade de bovinos exportados e abates.	18
9. Evolução dos abates de bovinos no Brasil e o exportado para engorda e/ou abate.	18
10. Evolução dos abates de bovinos no Pará e o exportado para engorda e/ou abate.	19
11. Participação dos maiores clientes de carne, tripas e miúdos em 2011, em volume.	21
12. Evolução das exportações brasileiras de gado para engorda e/ou abate e de carne.	22
13. Evolução das exportações paraenses de gado para engorda e/ou abate e de carne bovina.	22
14. Evolução das exportações gaúchas de gado para engorda e/ou abate e de carne.	23
15. Demanda brasileira de bovinos para a exportação de bovinos (exceto para reprodução) e de carne, em milhares de cabeças.	24
16. Demanda paraense de bovinos para exportações de bovinos (exceto para reprodução) e de carne, em milhares de cabeças.	25
17. Demanda de bovinos para exportações gaúchas de bovinos (exceto para reprodução) e de carne, em milhares de cabeças.	25
18. Evolução das exportações de carne bovina e de bovinos vivos da Austrália.....	26
19. Evolução do rebanho bovino entre 2000 e 2011.	28
20. Distribuição do rebanho bovino por intervalo por municípios.29	
21. Participação dos estados no PIB da região Norte.....	30
22. Participação da agricultura e pecuária no PIB do agronegócio do Pará.	31
23. Exportações de bovinos vivos – em cabeças.	32
24. Evolução dos preços deflacionados do boi gordo e do PIB do setor de insumos. Fonte: Cepea-USP / CNA / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br	33
25. Preços da arroba em Marabá, Redenção e Paragominas, em R\$ a prazo.	36
26. Lotação de pastagem média no Pará.	36
27. Participação dos segmentos no PIB da pecuária em 2010.	37
28. Preço médio da cabeça exportada, em mil dólares, de animais melhoradores e animais de engorda.	39



29. Número de animais embarcados pelos principais estados exportadores entre 2002 e 2011, em mil cabeças.	42
30. Vendas de sêmen bovino no Brasil.	43
31. Variação dos preços da arroba do boi gordo em São Paulo, do boi casado, do custo de produção da pecuária de corte e do índice de inflação IGPD-I – jan/06 = base 100.	44
32. Margem da Indústria na venda da carne com osso.	45

ÍNDICE DE FIGURAS



SUMÁRIO EXECUTIVO

As exportações brasileiras de gado em pé para engorda e/ou abate tiveram início em 2003, com os primeiros lotes sendo enviados ao Líbano. Em 2007, a Venezuela comprou bovinos vivos do Brasil e acabou por tornar-se o maior cliente do Brasil. Isto ocorreu em detrimento das importações de gado da Colômbia, por questões políticas, abrindo oportunidade para o Brasil. A ausência do Brasil deste mercado seria suprida pela própria Colômbia, que têm estreitado relações comerciais com a Venezuela novamente.

A exportação de bovinos vivos foi apoiada pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX), através do programa *Brazilian cattle*. A taxação da exportação de bovinos vivos afetaria negativamente quem investiu na atividade e assombraria com um cenário de incerteza o investidor, afugentando os investimentos neste e em outros setores da economia.

O Pará, em função da localização geográfica, portos e preço competitivo da arroba, abocanhou essa fatia de mercado e em 2011, foi responsável por 96% do gado vivo enviado para o mercado externo.

A atividade agregou riqueza à economia local, que viu a partir de 2003, início dos embarques, o PIB da pecuária paraense ultrapassar o da agricultura e crescer 22% até o último dado disponibilizado pelo Governo do estado, em 2009. A Agricultura cresceu 3%

Neste ano, o faturamento com as exportações de bovinos vivos correspondeu a 37% do PIB da pecuária paraense e 22% do PIB do agronegócio estadual.

Ao redor da atividade formou-se uma rede de negócios que ajudou a alavancar muitos setores, da indústria de insumos ao setor de transportes com o aumento significativo na demanda por fretes, gerando empregos diretos e indiretos. A alimentação do gado exportado colabora com as indústrias de suplementos minerais e rações, que, por sua vez, demandam matéria prima da agricultura. Observando o processo de exportação, estão inclusos investimentos em infraestrutura, nos estabelecimentos pré-embarque, o que gera demanda por benfeitorias, como cochos, arames, troncos e diversas construções rurais, dentre outros. A demanda maior por fretes traz consigo incremento no consumo de combustíveis, caminhões, manutenção dos veículos e motoristas, dentre outros. É um círculo virtuoso de investimentos e ocupações.

A atividade agregou riqueza à economia local, que viu a partir de 2003, início dos embarques, o PIB da pecuária paraense ultrapassar o da agricultura e crescer 22% até o último dado disponibilizado pelo Governo do estado, em 2009.



Com esse canal de escoamento aberto foi estimulado um conjunto de investimentos para aumentar a produtividade e, por consequência a renda do pecuarista, principalmente os de menor porte. Segundo dados do último Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 76,3% das propriedades agropecuárias paraenses possuem menos de cem hectares. Além do aumento de renda diretamente no campo, nas propriedades pecuárias, as de agricultura se aproveitam da demanda pelos produtos agrícolas destinados à alimentação do gado a ser embarcado e durante a viagem.

A exportação de bovinos vivos é uma alternativa de escoamento da produção e agrega valor à produção primária, justamente em um momento como o atual onde a concentração dos compradores, os frigoríficos, é evidente e crescente, fato que aumenta ainda mais a importância da atividade exportadora. A situação de crise que os frigoríficos observaram nos últimos anos é decorrente da crise econômica iniciada em 2008 e, até hoje, presente em algumas economias.

A livre concorrência é benéfica. Quanto mais compradores, menor é a possibilidade de alinhamento de preços ou pressão artificial (não devido à oferta abundante) sobre as cotações. Mais compradores geram mais demanda e isto tende a valorizar o boi gordo na região. Preços maiores para os animais terminados aumentam a rentabilidade e o investimento na atividade e, por consequência, a produção. Um mercado remunerador é a maneira natural de indução da produção, da fixação do homem no campo. A extração forçada de participantes neste mercado tende a diminuir os preços do boi gordo, em função do aumento do poder de barganha dos frigoríficos, cada vez mais polarizados e poderosos economicamente, em relação aos pecuaristas, pulverizados. Quando a pressão dos compradores de gado é exercida desmedidamente a rentabilidade do produtor rural é achatada. Diante desse quadro, a tendência é de abandono da exploração pecuária, através da migração para outras atividades, o que, em última análise reduz a oferta de boiadas. Esse não é um fato inédito e nem de consequências desconhecidas e, por isso, deve ser evitado.

A injeção de riquezas originada pela exportação de gado em pé, se concentra nos setores de insumos antes, e na produção pecuária dentro da porteira, segmentos que contribuem com 54% do PIB da pecuária.

A atividade oxigena os setores considerados “motores” da cadeia.

A comercialização de bovinos vivos é corrente no mercado interno e, não é uma novidade no mercado externo. Não é uma criação da pecuária nacional, ela existe há muito anos em países como Austrália, Canadá e México, que exportam mais animais que o Brasil e possuem um rebanho muito menor.

No Brasil, a proporção dos bovinos exportados, em relação ao rebanho total em 2010, ano de exportação recorde, foi de 0,3%,



enquanto nos outros *players* a proporção está entre 5% e 7% do rebanho.

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), compilados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a balança comercial do agronegócio em 2011 ficou positiva em US\$77,47 bilhões, enquanto a balança total brasileira teve superávit de US\$29,8 bilhões. Sem o agronegócio, o déficit da balança comercial total teria sido de US\$47,7 bilhões.

Nos últimos quinze anos, apenas em 2005 e 2006 a balança comercial brasileira teria ficado positiva sem o agronegócio. O setor não foi deficitário em ano algum.

Apenas milho e soja grão foram responsáveis por US\$2,7 e US\$16,3 bilhões, respectivamente, em faturamento, com as exportações em 2011.

São oportunidades de negócios que devem ser aproveitadas. Demanda gera investimento na atividade.

A dimensão da pecuária de corte permite a exportação de produtos acabados, - como a carne bovina - e a de bovinos vivos.

Carne e boi não são taxados, porém há uma vantagem para os frigoríficos exportadores, que podem trabalhar com crédito presumido de PIS/Cofins sobre a compra de matéria prima, o boi gordo.

No Brasil, as exportações representam 1% dos bovinos abatidos o que elimina qualquer tipo de contestação fundamentada na alegação de que a exportação prejudica o abastecimento do mercado interno.

A dificuldade em comprar boiada pelas indústrias nos últimos anos e que levou algumas unidades à ociosidade se dá e se deu em função do ciclo de preços a que a pecuária está sujeita. A falta de animais terminados é reflexo de uma abate acelerado de matrizes no último ciclo de preços que terminou em 2006.

O Brasil assumiu a posição de maior exportador de carne bovina em 2004, ano seguinte ao caso de vaca louca nos Estados Unidos, o que causou redução de 81,7% nos embarques de carne norte-americana. As restrições do governo da Argentina às exportações de carne geraram depreciação das cotações dos animais e desinvestimento na atividade. Isto colaborou com os embarques brasileiros. E, é um exemplo concreto do porque não se deve taxar a exportação. A exportação de bovinos não atrapalhou esse quadro.

Importante também na ampliação das exportações de carne do Brasil, foi o aumento da produção de carne, causado pelo aumento da oferta de fêmeas ao abate.



A extinção da exportação de gado em pé não vai resolver a situação de ociosidade. O aumento da demanda externa, pela superação das questões sanitárias de acesso a mercados, gerará aumento da demanda por gado e diminuição da ociosidade. Esta demanda maior, influenciando positivamente nos preços, acaba causando investimento e aumento na oferta de gado.

Um ponto que não pode ser negligenciado é o fato de que houve investimentos em aumento da capacidade de abate estática das indústrias, antes de 2008. Após a crise, as grandes indústrias, com mais facilidade de acesso ao capital, fagocitaram as plantas de boa parte das empresas que não suportaram os solavancos de 2008 e 2009.

Isto criou empresas com plantas na mesma região, disputando matéria prima e ociosas devido à fase de menor oferta e retenção de fêmeas, que vivemos entre 2007 e 2011.

Este movimento é cíclico e determinante para o ciclo de preços pecuários. Políticas governamentais e investimento privado para acessar novos mercados consumidores de carne bovina e amenizar a amplitude desses ciclos devem ser estimulados e não penalizados.

O Brasil há anos é uma referência em pecuária. Antes desta importante via de escoamento da produção de gado comercial tomar forma, a genética do gado brasileiro já era disseminada pelo mundo através da exportação de bovinos vivos melhoradores, de alto padrão genético.

Por fim, a taxação pretendida inviabiliza a atividade. Diante de tudo isso, enfraquecer a exportação de bovinos vivos através da tributação, afeta toda cadeia pecuária e a economia diretamente relacionada, eliminando a geração de riquezas até então existente.



1. HISTÓRICO DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ NO BRASIL

As exportações de gado em pé do Brasil se intensificaram a partir de 2003, quando foram embarcadas 2,15 mil cabeças. Destas, 1,97 mil foram para o Líbano e 185 para o Uruguai.

Entre 2003 e 2010 as exportações de bovinos (exceto para reprodução) aumentaram 29.711%, mostrando a lacuna de oferta e a oportunidade que existia neste nicho. Veja a tabela 1.

Tabela 1.

Exportações de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil.

Ano	Faturamento (US\$ mil)	Volume (toneladas de peso vivo)	Cabeças (unidades)	Preço médio (US\$/cabeça)
2002	1	1	2	500,00
2003	740	970	2.156	343,35
2004	3.856	5.030	10.299	374,43
2005	29.833	41.325	110.418	270,18
2006	71.954	95.071	244.963	293,73
2007	259.956	199.591	431.837	601,98
2008	367.000	192.642	398.841	920,17
2009	419.522	255.158	518.193	809,59
2010	632.557	320.317	642.735	984,17
2011	439.888	194.045	401.940	1.094,41
2012*	121.201	50.905	104.944	1.154,91

*primeiro trimestre

Fonte: MDIC / Compilado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Em 2011, no entanto, alterações na política cambial da Venezuela, o principal cliente, que perdeu poder de compra no mercado externo, associadas ao aumento nos preços dos animais terminados e real valorizado, reduziram em 37,5% a quantidade embarcada, na comparação com 2010.

Em 2011 este negócio gerou uma receita de US\$439,9 milhões, ante US\$632,6 milhões em 2010, queda de 30,5%.

O que amortizou o recuo na receita, na comparação com a queda da quantidade, foi o aumento de 11,2% no preço médio por cabeça exportada, que subiu de US\$984,17 para US\$1.094,41, valor recorde.

Entre 2003 e 2010 as exportações de bovinos (exceto para reprodução) aumentaram 29.711%, mostrando a lacuna de oferta e a oportunidade que existia neste nicho de mercado.

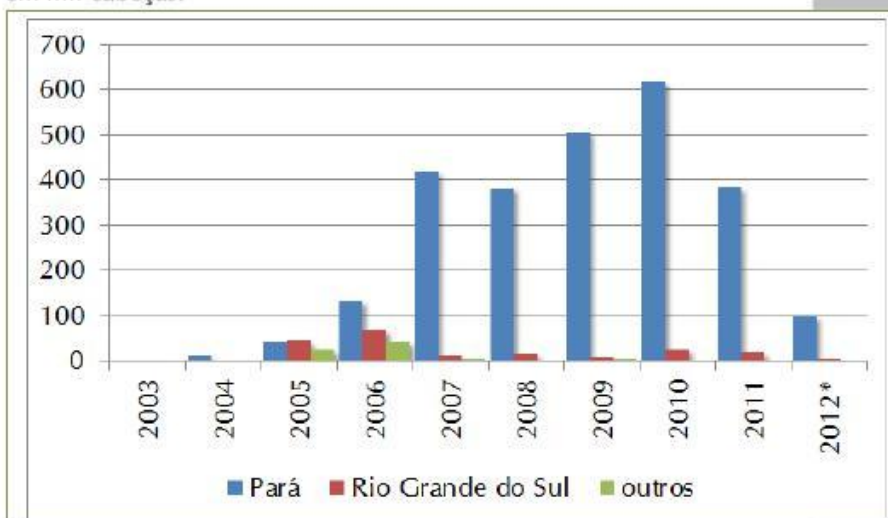


1.1. ESTADOS EXPORTADORES

A maior parte do gado exportado é oriunda do Pará. O estado participou com 95,6% do rebanho embarcado em 2011.

Em 2009 a participação do Pará nas exportações de bovinos para engorda e/ou abate foi a maior da série, 97,7%. Veja a figura 1.

Figura 1.
Exportações de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil, em mil cabeças.



* primeiro trimestre.

Fonte: MDIC / Compilado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

A tabela 2 mostra as quantidades e participações dos embarques paraenses e gaúchos no total nacional.

Tabela 2.
Exportações de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil.

Ano	Pará		Rio Grande do Sul		Outros	
	Cabeças	Participação	Cabeças	Participação	Cabeças	Participação
2003	1.971	91,4%	185	8,6%	0	0,0%
2004	10.290	99,9%	0	0,0%	9	0,1%
2005	41.437	37,5%	43.873	39,7%	25.108	22,7%
2006	133.190	54,4%	69.357	28,3%	42.416	17,3%
2007	418.227	96,8%	9.377	2,2%	4.233	1,0%
2008	382.191	95,8%	15.932	4,0%	718	0,2%
2009	506.068	97,7%	6.278	1,2%	5.847	1,1%
2010	616.663	95,9%	26.042	4,1%	30	0,0%
2011	384.056	95,6%	17.884	4,4%	0	0,0%
2012*	99.067	94,4%	5.877	5,6%	0	0,0%

* primeiro trimestre.

Fonte: MDIC / Compilado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Desde 2010 apenas os dois estados têm enviado bovinos para o exterior.

Na tabela 3 as participações esporádicas de outros estados nos embarques.

Em 2009 a participação do Pará nas exportações de bovinos para engorda e/ou abate foi a maior da série, 97,7%.



Tabela 3.

Participações dos estados nas exportações de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil.

Ano	PA	RS	SP	MS	AP	MG	TO
2003	91,4%	8,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
2004	99,9%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
2005	37,5%	39,7%	22,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
2006	54,4%	28,3%	17,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
2007	96,8%	2,2%	0,0%	0,2%	0,8%	0,0%	0,0%
2008	95,8%	4,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
2009	97,7%	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%
2010	95,9%	4,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
2011	95,6%	4,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
2012*	94,4%	5,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

* primeiro trimestre.

Fonte: MDIC / Compilado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Entre 2007 e 2011 Pará e Rio Grande do Sul compuseram mais de 99,0% do rebanho exportado.

Em 2005 e 2006 São Paulo participou com 22,7% e 17,3% das quantidades exportadas, respectivamente. Foram as únicas vendas do período analisado.

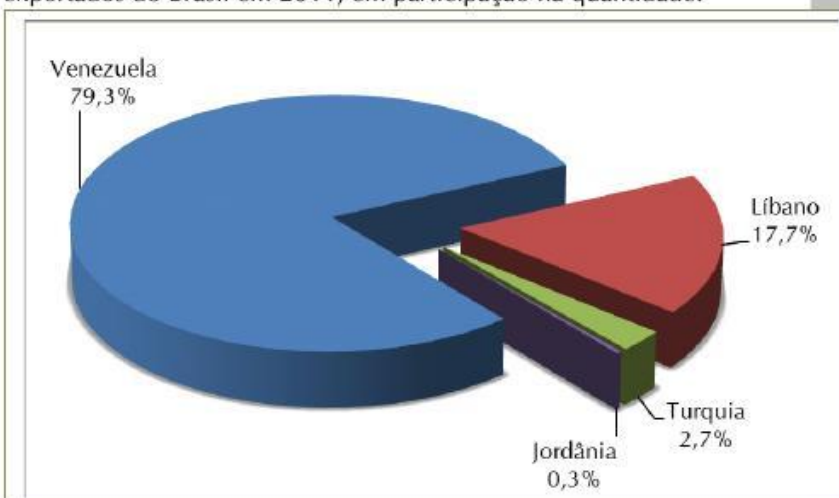
1.2. PRINCIPAIS DESTINOS

A Venezuela é o maior comprador de bovinos do Brasil, por isto o impacto da política protecionista do país nas exportações brasileiras no último ano.

Em 2011 foi o destino de 79,3% dos animais exportados. Veja a figura 2.

Figura 2.

Participação dos mercados de bovinos para engorda e/ou abate exportados do Brasil em 2011, em participação na quantidade.



Fonte: MDIC / Compilado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

O faturamento com os embarques para a Venezuela representou 81,7% das exportações de bovinos para engorda e/ou abate em 2011.

O faturamento com os embarques para a Venezuela representou 81,7% das exportações de bovinos para engorda e/ou abate em 2011.



Tabela 4.

Participações dos compradores de bovinos (exceto para reprodução) do Brasil, em número de cabeças exportadas.

Ano	Venezuela		Líbano		Egito		Turquia		Jordânia		outros	
	Cab.	Part.	Cab.	Part.	Cab.	Part.	Cab.	Part.	Cab.	Part.	Cab.	Part.
2003	0	0,0%	1.971	91,4%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	185	8,6%
2004	0	0,0%	10.290	99,9%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	9	0,1%
2005	0	0,0%	110.410	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	8	0,0%
2006	0	0,0%	244.963	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
2007	247.299	57,3%	183.746	42,5%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	792	0,2%
2008	288.766	72,4%	109.357	27,4%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	718	0,2%
2009	387.047	74,7%	122.839	23,7%	8.208	1,6%	0	0,0%	0	0,0%	99	0,0%
2010	594.345	92,5%	31.595	4,9%	9.457	1,5%	7.338	1,1%	0	0,0%	0	0,0%
2011	318.835	79,3%	70.949	17,7%	0	0,0%	10.858	2,7%	1.298	0,3%	0	0,0%
2012*	82.450	78,6%	5.660	5,4%	16.834	16,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%

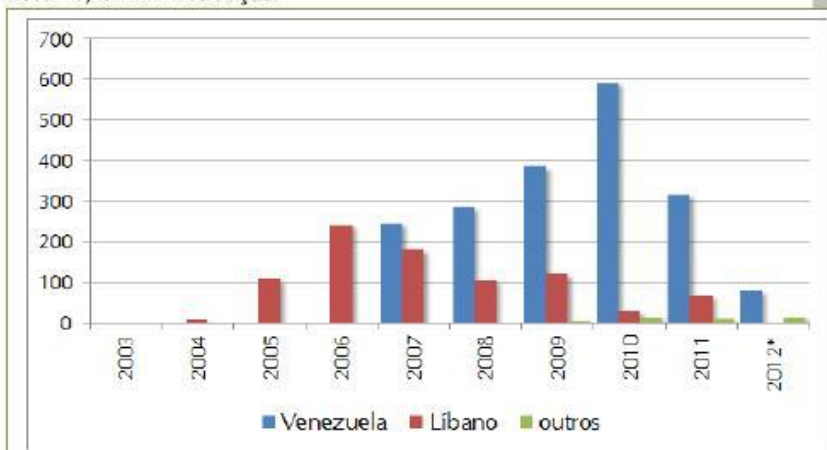
* primeiro trimestre.

Fonte: MDIC / Compilado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Em 2011, mesmo com o aumento de 124,6% em relação a 2010, a quantidade de animais vendida ao Líbano ainda foi 42,2% menor que em 2009 e 71,0% inferior ao recorde de 2006. Veja a figura 3.

Figura 3.

Quantidade de bovinos (exceto para reprodução) exportados por destino, em mil cabeças.



Fonte: MDIC / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Em números absolutos, a diminuição de 46,4% nas exportações para a Venezuela no último ano superou o aumento para o Líbano (124,6%), Turquia (48,0%) e a comercialização com a Jordânia, que comprou 1.298 animais.

O Egito não comprou em 2011, colaborando com o recuo geral do setor.

Em 2011, mesmo com o aumento de 124,6% em relação a 2010, a quantidade de animais vendida ao Líbano ainda foi 42,2% menor que em 2009 e 71,0% inferior ao recorde de 2006.



2. VANTAGENS DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ

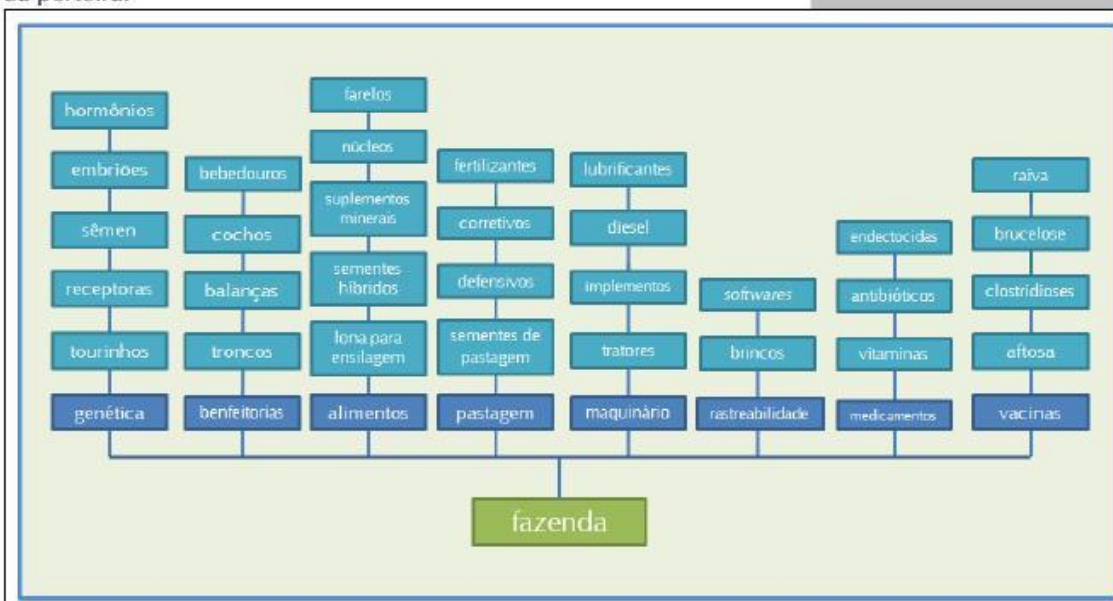
A existência de vários compradores ajuda a valorizar a arroba do boi gordo em função da concorrência, da disputa pelos rebanhos. A agregação de valor ocorre no início da cadeia, na fazenda quando o produtor pode escolher para quem vender.

O aumento da receita melhora as condições de investimento do pecuarista, que transfere parte da renda obtida na adoção de tecnologia, melhoria dos salários, retenção de matrizes, e outras ações nesse sentido.

Veja a figura 4.

Figura 4.

Apenas alguns exemplos de insumos utilizados na pecuária, antes da porteira.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Quando a remuneração do pecuarista está interessante, devido aos bons preços do boi gordo, há investimento na atividade.

Isto ocorre beneficiando, por exemplo, os diversos setores de insumos. Observe as vendas de sêmen na figura 5.

A agregação de valor ocorre no início da cadeia, na fazenda.



Figura 5.
Evolução dos preços do boi gordo em São Paulo (eixo da esquerda)
e vendas de sêmen (eixo da direita).



Fonte: ASBIA / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

O pecuarista diminuiu a utilização de genética em 2006, devido aos preços do boi gordo e da reposição em baixa.

2.1. INCREMENTO NA QUANTIDADE DE COMPRADORES

A pulverização dos fornecedores diminui o poder econômico deste elo da cadeia.

A existência de poucos compradores de bovinos não é interessante. Esse quadro diminui a concorrência, com possibilidade real de pressão negativa sobre as cotações.

Os frigoríficos de grande porte, trabalhando em nível nacional, podem intensificar a produção em regiões onde a oferta de animais esteja abundante em detrimento das regiões onde a oferta, por uma razão ou outra esteja menor e escoar a carne até os mercados consumidores.

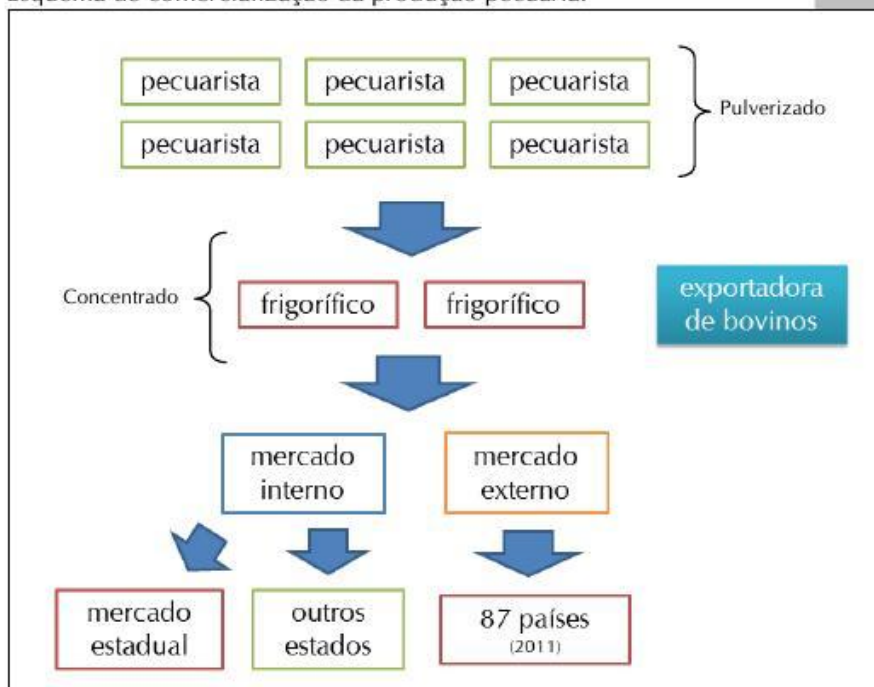
O pecuarista, ao contrário, detém um raio de venda definido, com um número limitado de compradores. Isto diminui o poder de negociação.

Esse cenário deve ser considerado, quando se tem a possibilidade de vender para uma exportadora de bovinos vivos. Tal possibilidade aumenta a concorrência e a procura por rebanhos, o que tende a gerar preços maiores para a arroba, melhorando a renda no campo. Veja a figura 6.

A manutenção de uma menor quantidade de empresas comprando bovinos é interessante apenas a estas.



Figura 6.
Esquema de comercialização da produção pecuária.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Os frigoríficos possuem opções de escoamento da produção (carne), os pecuaristas não.

A inclusão (ou manutenção) de mais um comprador de matéria prima aumenta as opções de venda dos fazendeiros. Isto diminui o poder que os compradores exercem sobre os preços do boi gordo.

A inclusão (ou manutenção) de mais um comprador de matéria prima aumenta as opções de venda dos fazendeiros.



3. PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE GADO EM PÉ NA PRODUÇÃO BRASILEIRA

O Brasil possui 20,7% do rebanho mundial, que está estimado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) em 1,01 bilhão de cabeças. São 209,54 milhões de bovinos no país, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo o USDA, a comercialização internacional de bovinos em 2011 foi de 4,54 milhões. O Brasil respondeu por 8,9% deste mercado.

Foram exportados 401,94 mil bovinos para engorda e/ou abate no último ano. Isto equivale a 0,2% do rebanho brasileiro.

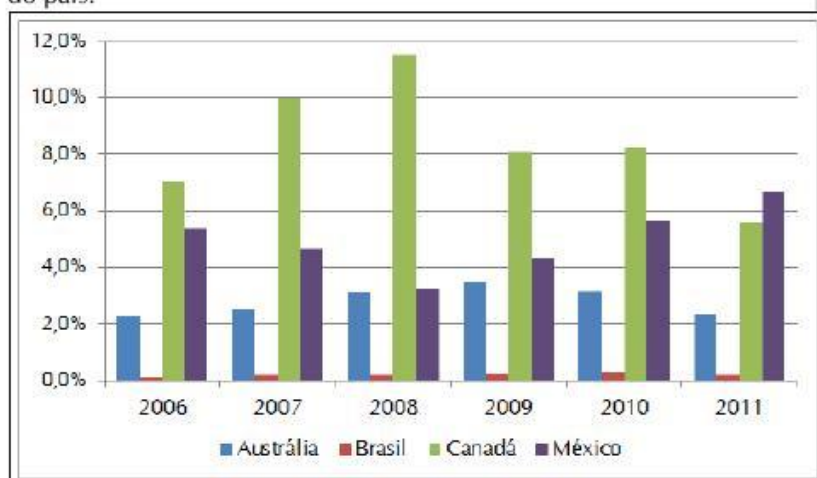
A Austrália exportou o equivalente a 2,3% de seu rebanho, com base nos dados do *Australian Bureau of Statistics* (ABS) e do USDA. É o país que mais exporta bovinos pela via marítima.

México e Canadá também são exportadores, mas exportam principalmente aos Estados Unidos, por via terrestre. Ou seja, não é um mercado próximo para ser conquistado, em função da logística e questões sanitárias.

A título de comparação, México e Canadá embarcaram o equivalente a 5,6% e 6,7% de seus rebanhos, respectivamente. No Brasil esta proporção não atinge 1%. Veja a figura 7.

Figura 7.

Relação entre a quantidade de bovinos exportada e o efetivo bovino do país.



Fonte: USDA / ABS / MDIC / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

No Brasil, a maior relação entre a quantidade de bovinos exportados e o rebanho ocorreu em 2010, quando os embarques corresponderam a 0,3% do efetivo nacional.

... México e Canadá embarcaram o equivalente a 5,6% e 6,7% de seus rebanhos, respectivamente. No Brasil esta proporção não atinge 1%.

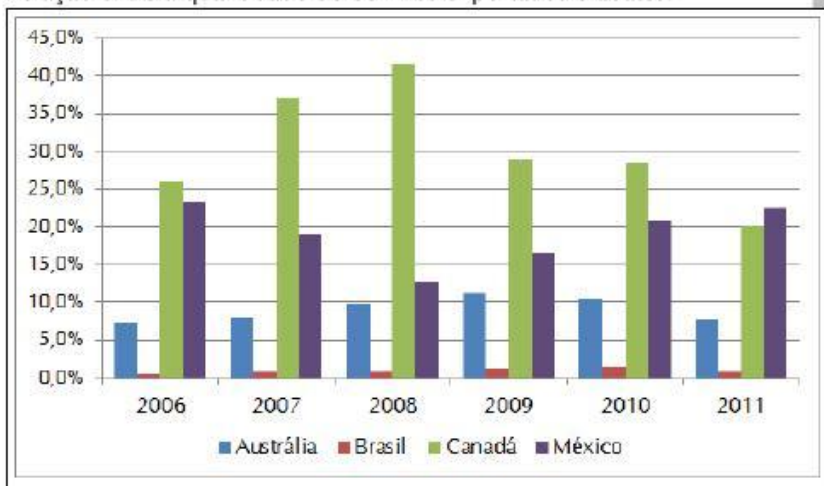


3.1. RELAÇÃO ENTRE O GADO EXPORTADO E O ABATIDO NO BRASIL

Estima-se que tenham sido abatidos no Brasil 42,14 milhões de bovinos em 2011.

Figura 8.

Relação entre a quantidade de bovinos exportados e abates.



Fonte: USDA / ABS / MDIC / IBGE / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

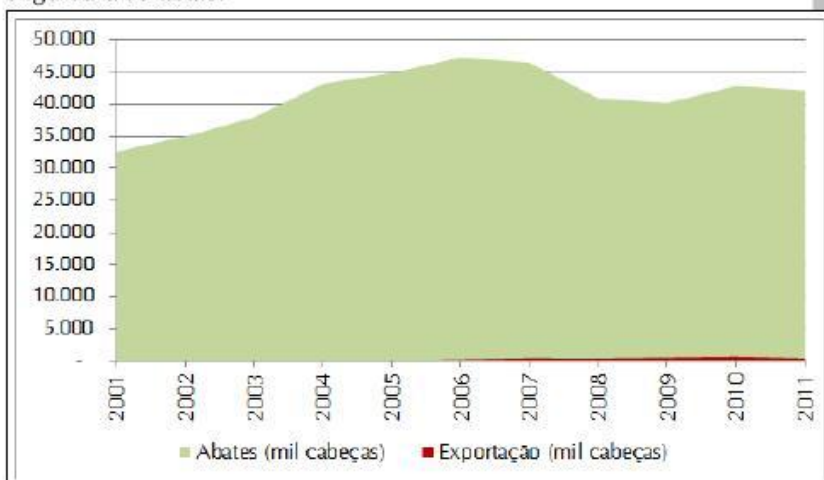
Os embarques de bovinos equivalem a 1,0% dos abates no Brasil, na Austrália esta relação é de 7,8%.

No México e Canadá as exportações de bovinos equivalem a 22,6% e 20,1% dos abates, respectivamente.

A figura 9 mostra a evolução dos abates de bovinos e o exportado para engorda e/ou abate no Brasil.

Figura 9.

Evolução dos abates de bovinos no Brasil e o exportado para engorda e/ou abate.



Fonte: MDIC / IBGE / Compilado por Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Os embarques de bovinos equivalem a 1,0% dos abates no Brasil, na Austrália esta relação é de 7,8%.

No México e Canadá as exportações de bovinos equivalem a 22,6% e 20,1% dos abates, respectivamente.

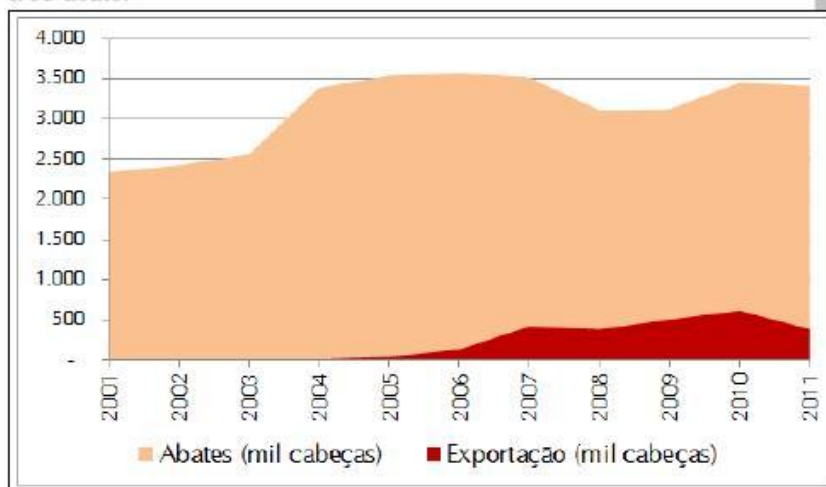


A maior relação entre exportações de bovinos (exceto para reprodução) e abates no país ocorreu em 2010, cujo valor foi de 1,5%.

No Pará, a relação entre abates e bovinos exportados em 2011 foi de 11,2%, menor, a título de comparação, que a relação existente no México e Canadá, de 22,6% e 20,1%, respectivamente.

Figura 10.

Evolução dos abates de bovinos no Pará e o exportado para engorda e/ou abate.



Fonte: MDIC / IBGE /Formatação pela Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Em 2011 a Venezuela reduziu as compras. Os embarques de gado paraense para aquele país caíram 37,7%.

Nem por isso aumentaram os abates no estado, que recuaram 1,2% entre 2010 e 2011, caindo de 3,46 milhões para 3,41 milhões.

3.2. RELAÇÃO ENTRE O GADO EXPORTADO E A PRODUÇÃO DE CARNE

Convertendo os animais exportados pelo país em carcaça, considerando um rendimento de 52%, as exportações de bovinos para engorda e/ou abate corresponderam a 100,9 mil toneladas equivalente carcaça (tec).

Isto equivale a 1,1% do volume produzido no Brasil em 2011, estimado em 9,24 milhões de tec.

No Pará, a relação entre volume de carcaça dos bovinos exportados e a produção de carne ficou em 13,2%.

3.3. REBANHO NECESSÁRIO PARA A DEMANDA DA EXPORTAÇÃO

Para suprir a demanda das 401,9 mil cabeças exportadas em 2011 e mandá-las ao abate, considerando o desfrute médio nacional no ano, de 20,1%, seria necessário um rebanho de 2,0 milhões de bovinos, o que representa 1% do rebanho nacional.

...exportações de bovinos para engorda e/ou abate brasileiras correspondem a 100,9 mil toneladas equivalente carcaça (tec).



Para efeito de comparação, apenas o rebanho de São Félix do Xingú, no Pará, é de 2,02 milhões de animais, corresponde a 101,1% do rebanho necessário para gerar uma oferta igual ao volume exportado pelo Brasil em 2011.

Para dimensionar uma demanda potencial hipotética, caso o Brasil ganhasse todo o espaço da Austrália neste mercado, teríamos em 2011, exportado 1,02 milhão de cabeças.

Com o desfrute brasileiro, precisaríamos de 5,09 milhões de animais para suprir uma demanda anual deste tamanho. Ainda assim, frente ao efetivo brasileiro, representaria 2,4%.

Veja a comparação na tabela 5.

Tabela 5.

Comparação do rebanho necessário para gerar a oferta de animais exportados.

Descrição	Exportações australianas	Exportações brasileiras	Australianas + brasileiras
Animais exportados (mil cabeças)	621,5	401,9	1.022,9
Rebanho necessário* (mil cabeças)	3.089,9	1.998,3	5.085,7
Participação no rebanho brasileiro	1,5%	1,0%	2,4%

* Rebanho necessário para a oferta de animais exportados, considerando o desfrute brasileiro estimado em 2011, de 20,1%.

Obs: As estimativas de desfrute brasileiro e os dados de exportações australianas foram atualizados em relação ao estudo de fevereiro/12.

Fonte: ABS / MDIC / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Os quatro maiores rebanhos bovinos municipais do Brasil possuem 6,09 milhões de animais, ou seja, toda a demanda por gado em pé das exportações australianas e brasileira poderiam ser supridas com os rebanhos de quatro municípios brasileiros.

Os quatro maiores rebanhos bovinos municipais do Brasil possuem 6,09 milhões de animais, ou seja, toda a demanda por gado em pé das exportações australianas e brasileira poderiam ser supridas com os rebanhos de quatro municípios brasileiros.



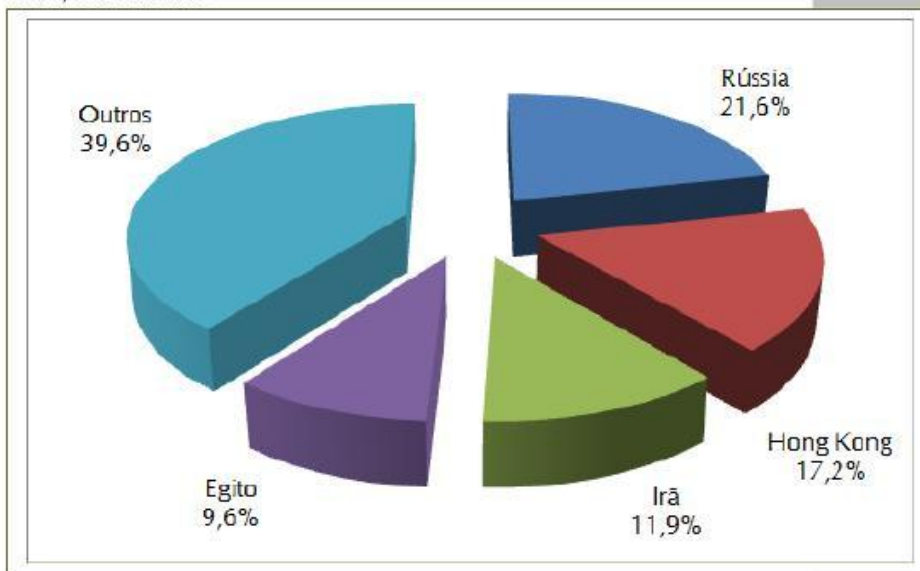
4. EXPORTAÇÃO DE BOVINOS *VERSUS* EXPORTAÇÃO DE CARNE

Segundo dados compilados pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), o Brasil exportou carne bovina *in natura* para 87 países em 2011. Os compradores de carne industrializada no período foram 108. Miúdos e tripas foram enviados a 62 destinos.

Veja a figura 11.

Figura 11.

Participação dos maiores clientes de carne, tripas e miúdos em 2011, em volume.



Fonte: MDIC / ABIEC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Os quatro maiores compradores absorvem 60,4% dos embarques de carne, tripas e miúdos.

As exportações de bovinos em 2011 se destinaram a quatro países, Venezuela, Líbano, Turquia e Jordânia. Os dois primeiros compuseram 97,0% do total.

As exportações de bovinos em 2011 se destinaram a quatro países, Venezuela, Líbano, Turquia e Jordânia. Os dois primeiros compuseram 97,0% do total.

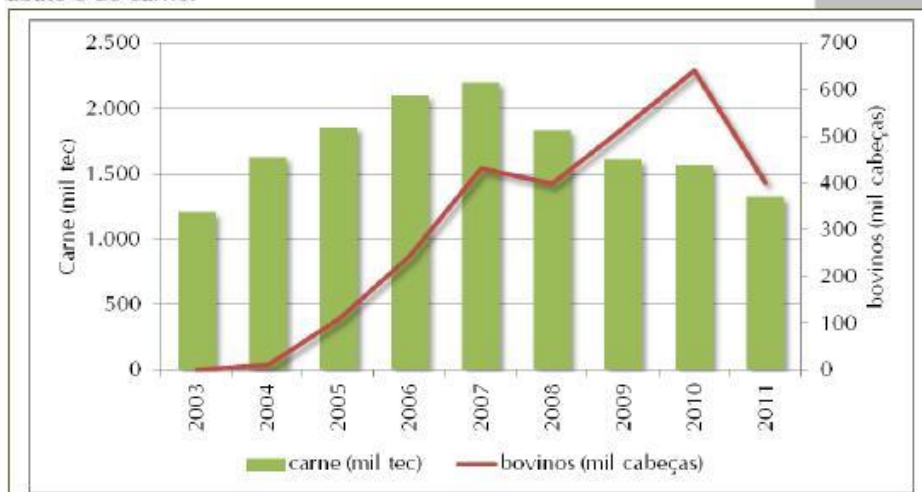


4.1. EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE E DE BOVINOS

A figura 12 mostra a evolução das exportações brasileiras de carne bovina e de bovinos para engorda e/ou abate.

Figura 12.

Evolução das exportações brasileiras de gado para engorda e/ou abate e de carne.



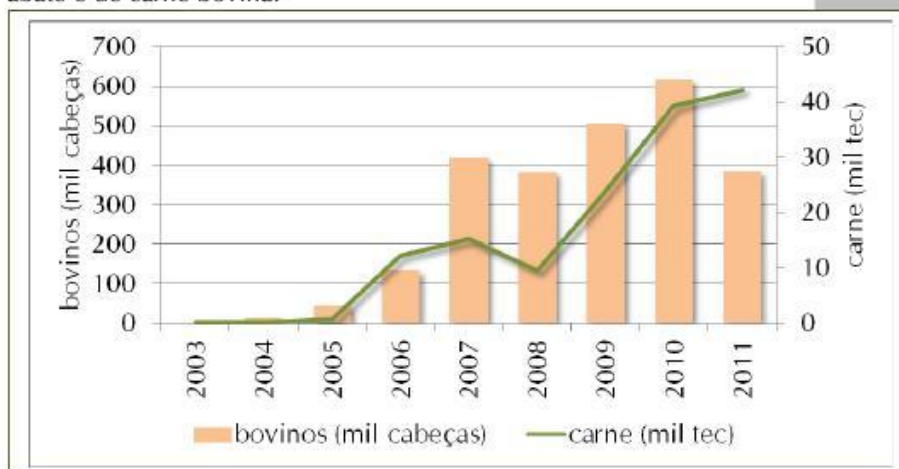
Obs: Foram consideradas as exportações de carne bovina *in natura* e industrializada.
Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Em 2011, as exportações de carne (*in natura* + industrializada) recuaram 15,8%, enquanto os embarques de gado caíram 37,5%.

No Pará as duas vias de escoamento da produção evoluíram conjuntamente até 2010. Veja a figura 13.

Figura 13.

Evolução das exportações paraenses de gado para engorda e/ou abate e de carne bovina.



Obs: Foram consideradas as exportações de carne bovina *in natura* e industrializada.
Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Em 2011, as exportações de carne (*in natura* + industrializada) recuaram 15,8%, enquanto os embarques de gado caíram 37,5%.



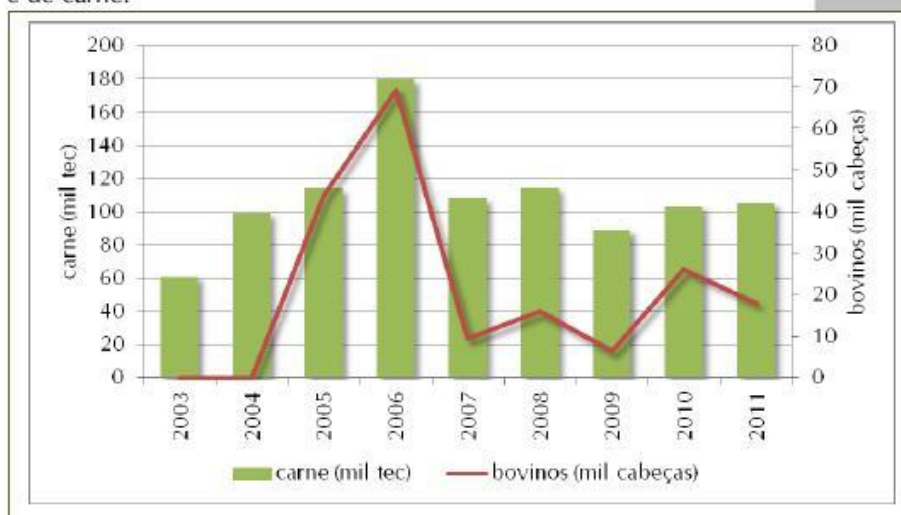
Conforme a figura 13, apesar da queda no volume de animais exportados em 2011, os embarques de carne mantiveram a tendência de alta e aumentaram 7,7% no estado.

Apesar disso, como ambas as exportações vinham em crescimento até 2010, ano em que os embarques de bovinos foram recordes, fica claro que o incremento das vendas de carne em 2011 não pode ser encarado como consequência da diminuição da venda de bovinos.

No Rio Grande do Sul, no período analisado até 2006 o comportamento foi semelhante ao do Pará e depois a exportação de bovinos vivos perdeu força. Figura 14.

Figura 14.

Evolução das exportações gaúchas de gado para engorda e/ou abate e de carne.



Obs: Foram consideradas as exportações de carne bovina *in natura* e industrializada.
Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Entre 2010 e 2011 as exportações de carne do estado aumentaram 1,8%. As vendas de bovinos para engorda e/ou abate caíram 31,3%. Esses números traduzem comportamento independente, onde um canal de escoamento não interfere no outro.

...a venda de bovinos é mais susceptível a oscilações de demanda, devido à quantidade reduzida de compradores.



4.2. DEMANDA DE BOVINOS PARA CADA ATIVIDADE

A partir do volume de carne exportada, estimou-se a demanda de bovinos equivalente. Foram utilizadas carcaças de 18@ para as estimativas.

Figura 15.

Demanda brasileira de bovinos para a exportação de bovinos (exceto para reprodução) e de carne, em milhares de cabeças.



* Para a estimativa da quantidade de animais necessária para suprir as exportações de carne, foram utilizadas carcaças de 18@. Foram consideradas as exportações de carne bovina *in natura* e industrializada.

Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

A demanda de animais para as exportações de carne *in natura* e industrializada em 2011 foi de 4,9 milhões de cabeças, equivalente a 12,2 vezes os embarques de bovinos para engorda e/ou abate.

No Pará, é grande quantidade de bovinos exportados e, a quantidade de carne embarcada é pequena, em relação ao total nacional.

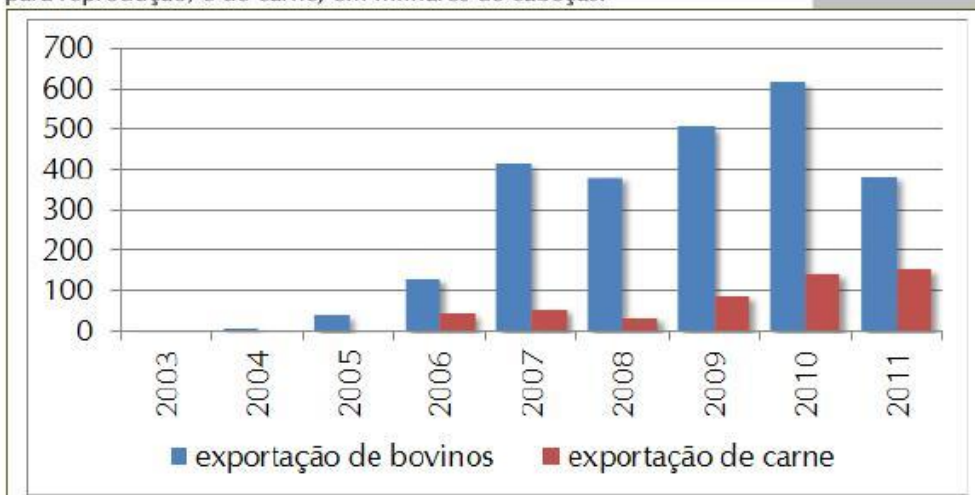
O estado participou com 95,6% das cabeças embarcadas e com 3,2% da carne exportada pelo Brasil, considerando industrializada e *in natura*.

A demanda de animais para a exportação de carne *in natura* em 2011 foi de 4,9 milhões de cabeças, equivalente a 12,2 vezes os embarques de bovinos para engorda e/ou abate.



Figura 16.

Demanda **paraense** de bovinos para exportações de bovinos (exceto para reprodução) e de carne, em milhares de cabeças.



* Para a estimativa da quantidade de animais necessária para suprir as exportações de carne, foram utilizadas carcaças de 18@. Foram consideradas as exportações de carne bovina *in natura* e industrializada.

Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

As exportações de carne *in natura* do estado demandaram cerca de 157 mil bovinos em 2011, ante 384 mil exportados para engorda e/ou abate.

Isso demonstra a importância da exportação de gado vivo para o estado.

No Rio Grande do Sul, com 4,4% de participação nos embarques de bovinos, as exportações de carne consumiram mais animais. Veja a figura 17.

Figura 17.

Demanda de bovinos para exportações gaúchas de bovinos (exceto para reprodução) e de carne, em milhares de cabeças.



* Para a estimativa da quantidade de animais necessária para suprir as exportações de carne, foram utilizadas carcaças de 18@. Foram consideradas as exportações de carne bovina *in natura* e industrializada.

Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Estudo elaborado pela Scot Consultoria especialmente para a ABEG.

As exportações de carne *in natura* do estado demandaram cerca de 157 mil bovinos em 2011...



Em 2011 a demanda para exportação de carne no estado foi de 390 mil animais. Para engorda e/ou abate foram embarcadas 18 mil cabeças do estado.

4.3. O EXEMPLO DA AUSTRÁLIA

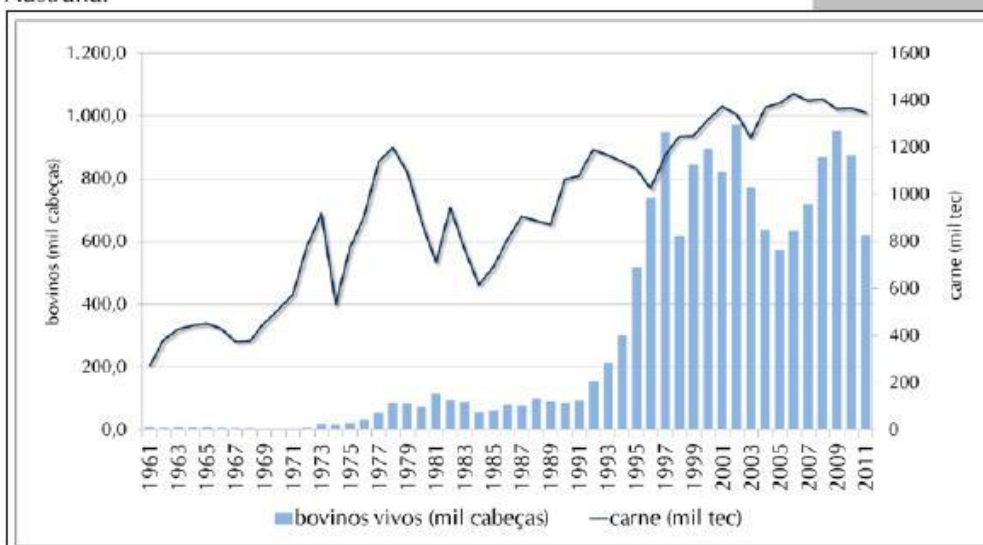
A Austrália é a maior exportadora de bovinos vivos por via marítima, tal e qual acontece no Brasil.

Por esta razão, esta análise comparativa foi centrada na Austrália. Segundo estimativas do *Meat and Livestock Australia* (MLA), com base nos dados do *Australian Bureau of Statistics* (ABS), consolidados até novembro, o país exportou 682,0 mil bovinos em 2011.

Mesmo com a evolução das exportações de gado em pé, as exportações australianas de carne bovina mantiveram-se em alta. Veja a figura 18.

Figura 18.

Evolução das exportações de carne bovina e de bovinos vivos da Austrália.



Fonte: ABS / MLA / USDA / Compilado pela Scot Consultoria –
www.scotconsultoria.com.br

Só para destacar, os embarques australianos de gado em pé têm se mantido nos mesmos patamares nos últimos quinze anos.

O mercado não está em expansão, como ocorre no Brasil. Aqui o crescimento foi forte, pois o mercado é recente, é novo, é mais uma conquista do empreendedorismo nacional.

Mesmo com a importância das exportações de bovinos australianas, o volume não é tão grande, quando comparamos com o tamanho da pecuária brasileira.

A Austrália é a maior exportadora de bovinos vivos por via marítima...



5. IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ

A atividade pecuária é de extrema importância para a economia do Pará. Ela representa a terceira principal fonte de receita do estado, atrás dos setores de serviços e indústria. É responsável também por boa parte dos empregos no campo.

A exportação de gado em pé, no contexto social e econômico, aparece como uma alternativa de diversificação de serviço, investimentos nos setores de insumos, maior aplicação de tecnologia na atividade, agregação de valor ao pecuarista, aumento na possibilidade de venda em um ambiente de concentração dos compradores (frigoríficos) e geração de empregos.

5.1. PECUÁRIA EM NÚMEROS NO PARÁ

O rebanho bovino do Pará, segundo dados divulgados pelo IBGE, é de 17,6 milhões de cabeças, o quinto em tamanho.

Tabela 6.
Rebanho bovino.

Estado	Rebanho (milhões de cabeças)	Participação no rebanho nacional
Mato Grosso	28,76	13,7%
Minas Gerais	22,70	10,8%
Mato Grosso do Sul	22,35	10,7%
Goiás	21,35	10,2%
Pará	17,63	8,4%

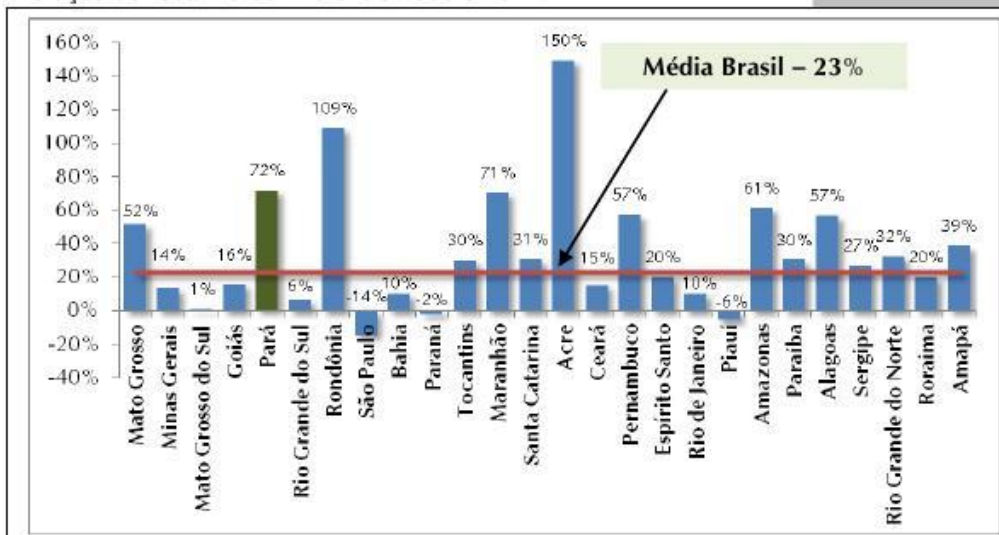
Fonte: IBGE / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Nos últimos onze anos o efetivo bovino paraense cresceu 72%, evolução inferior somente a do Acre e ao de Rondônia.

O rebanho bovino do Pará, segundo dados divulgados pelo IBGE, é de 17,6 milhões de cabeças, o quinto do país.



Figura 19.
Evolução do rebanho bovino entre 2000 e 2011.



Fonte: IBGE / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

São Félix do Xingú, no sul do estado, é o município com o maior rebanho e onde está 11,5% do gado paraense.

São Félix do Xingú,
no sul do estado, é
o município de
maior rebanho...

Tabela 7.
Maiores rebanhos do Pará.

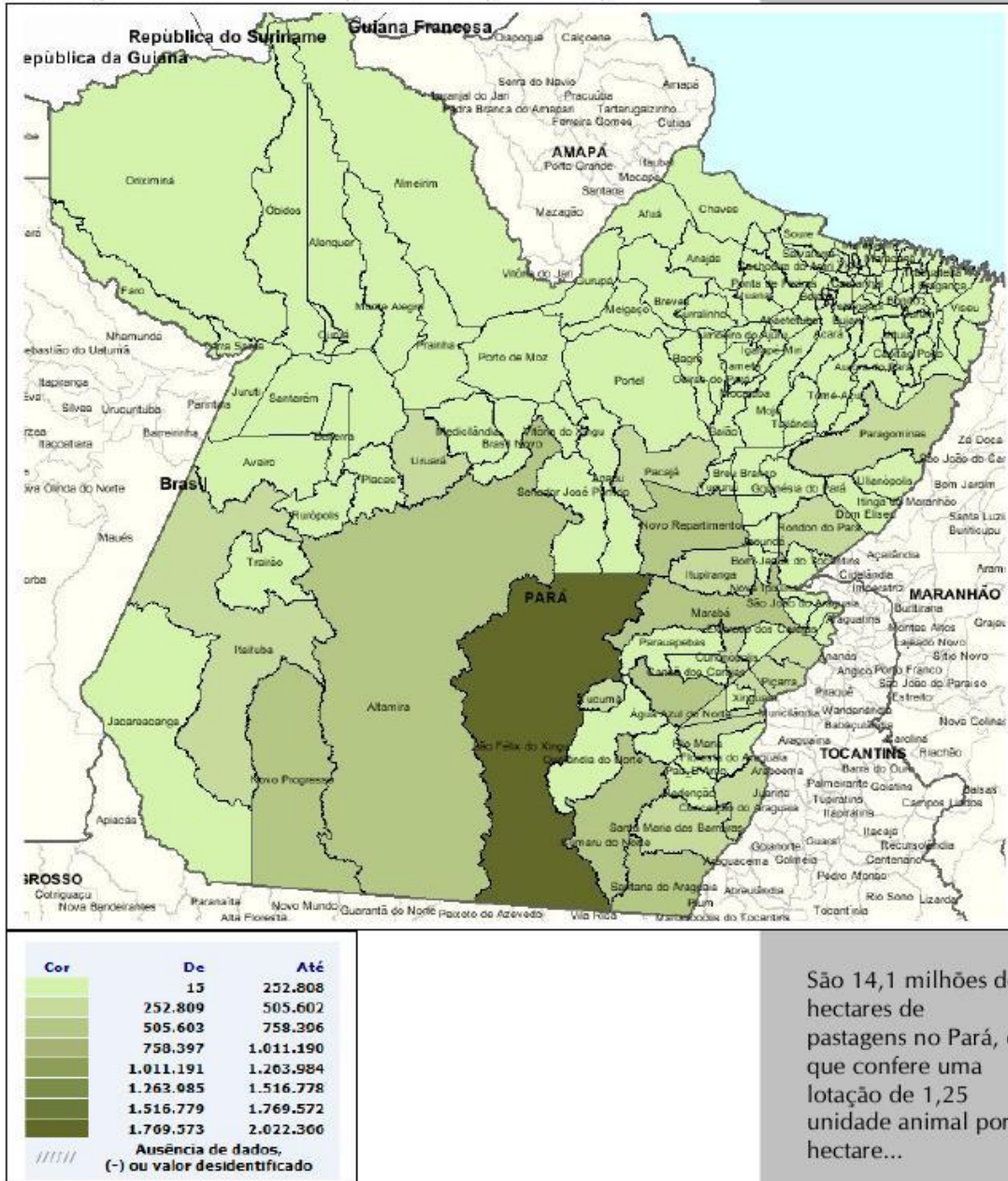
Colocação	Município	Rebanho bovino (mil cabeças)	Participação no estado
1º	São Félix do Xingu	2.022,4	11,5%
2º	Cumaru do Norte	639,0	3,6%
3º	Novo Progresso	636,2	3,6%
4º	Novo Repartimento	631,5	3,6%
5º	Marabá	600,0	3,4%
6º	Água Azul do Norte	564,4	3,2%
7º	Altamira	555,3	3,1%
8º	Santana do Araguaia	545,5	3,1%
9º	Xinguara	482,5	2,7%
10º	Santa Maria das Barreiras	475,2	2,7%
10 maiores rebanhos		7.152,0	40,6%

Fonte: IBGE / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Na figura 20, é possível localizar os municípios no mapa, assim como a concentração dos rebanhos.



Figura 20.
Distribuição do rebanho bovino por intervalo por municípios.



Fonte: IBGE

São 14,1 milhões de hectares de pastagens no Pará, o que confere uma lotação de 1,25 unidade animal por hectare, índice semelhante a média Brasil.

O desfrute médio do rebanho parense é de 20,5%, abaixo da média Brasil, que está em 20,9%, porém superior a da região norte, cujo valor é de 19,13%. A produção de carne do estado em 2010 foi de 744,6 mil toneladas equivalente carcaça (tec).

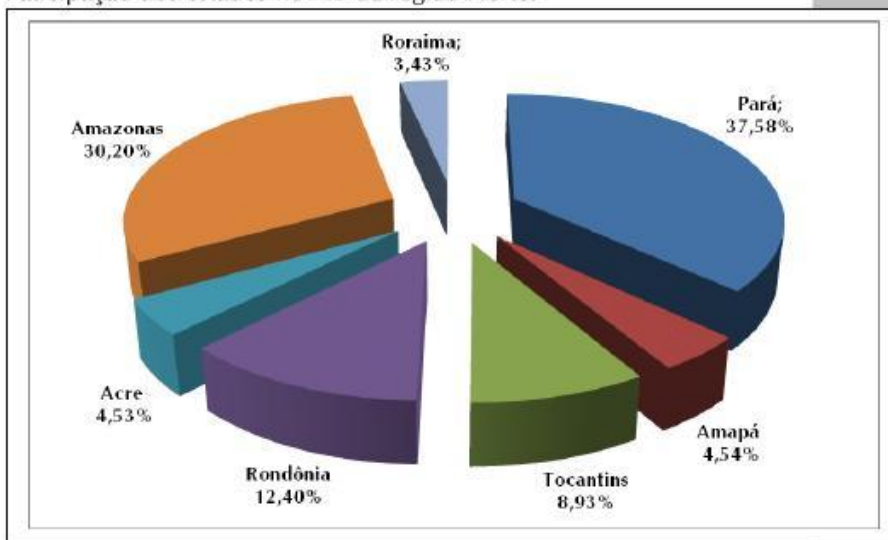
São 14,1 milhões de hectares de pastagens no Pará, o que confere uma lotação de 1,25 unidade animal por hectare...



5.2. PARTICIPAÇÃO DA PECUÁRIA NO PIB ESTADUAL

O Produto Interno Bruto (PIB) do Pará é R\$58,4 bilhões, o maior da região norte e o décimo terceiro entre os estados brasileiros. Figura 21.

Figura 21.
Participação dos estados no PIB da região Norte.



Fonte: IDESP / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

A agropecuária, com os setores de agricultura, silvicultura, pecuária e pesca, representa 7,4% do PIB estadual, o que corresponde a R\$3,8 bilhões.

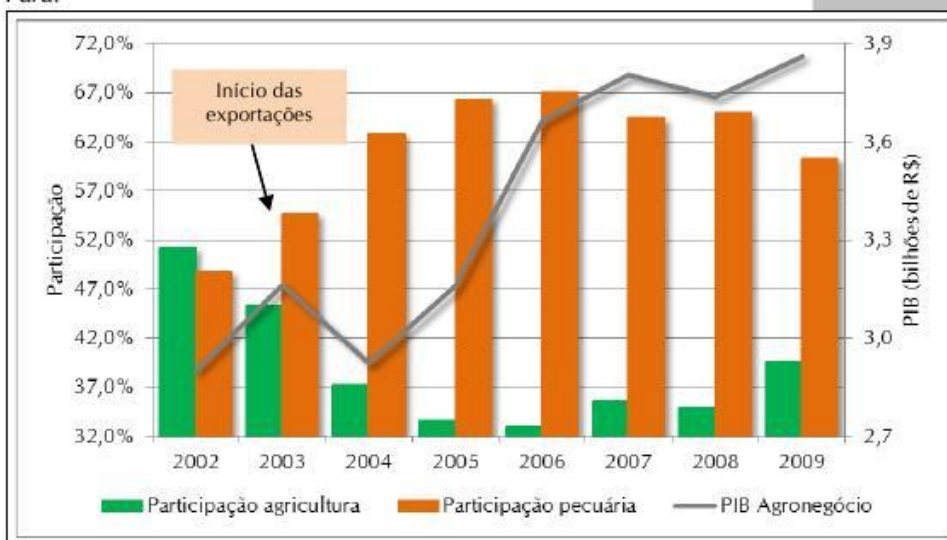
Somente a atividade pecuária participa com 61% deste valor.

A partir de 2003, mesmo ano em que as exportações de bovinos vivos tiveram início no estado, o PIB da pecuária se tornou maior do que o da Agricultura. Figura 22.

A partir de 2003, mesmo ano em que as exportações de bovinos vivos tiveram início no estado, o PIB da pecuária se tornou maior do que o da Agricultura.



Figura 22.
Participação da agricultura e pecuária no PIB do agronegócio do
Pará.



Fonte: IDESP / IBGE / Elaborado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

A partir daí o PIB do agronegócio paraense teve crescimento de 22% até 2009, último dado divulgado pelo governo do estado.

No mesmo período o acúmulo de riquezas da pecuária que chegou aos R\$2,33 bilhões, aumentou 65%, enquanto o da agricultura 3%

Esta evolução demonstra a importância da pecuária para o estado.

Atualmente, a atividade emprega no Pará, direta e indiretamente mais de 1 milhão de pessoas.

5.3. EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ E A GERAÇÃO DE RENDA

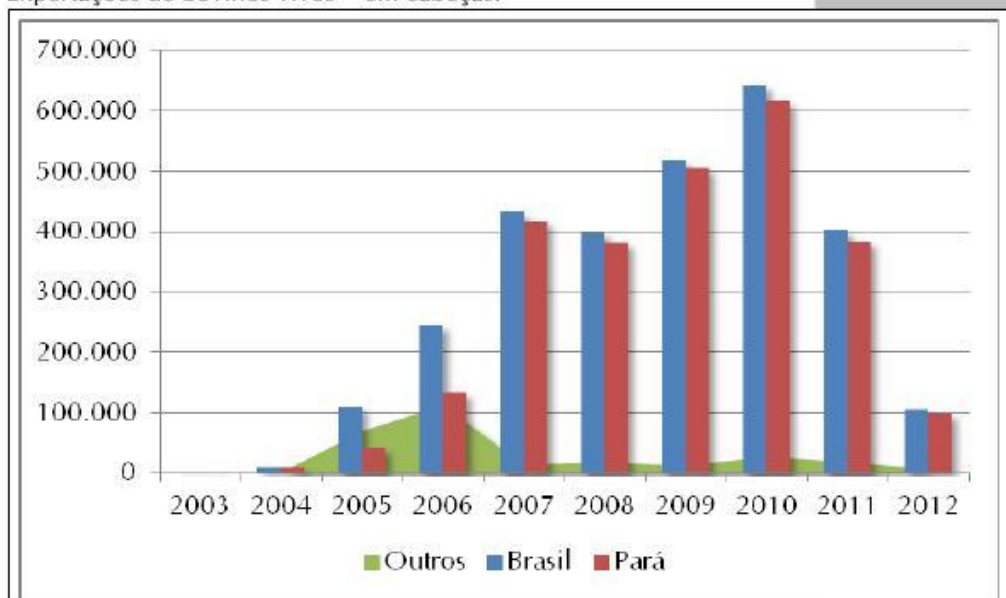
O Pará exportou em 2011 cerca de 384 mil cabeças de bovinos vivos, o que corresponde a 96% do embarcado pelo Brasil naquele ano.

Entre 2003 e 2011, 86% dos animais exportados pelo país tiveram origem no estado.

...o acúmulo de riquezas da pecuária que chegou aos R\$2,33 bilhões, aumentou 65%, enquanto o da agricultura 3%.



Figura 23.
Exportações de bovinos vivos – em cabeças.



Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Desde que este negócio teve início, o Pará viu o faturamento com as exportações de gado em pé crescer 84.648% até 2010.

Em 2011, porém, a queda no volume exportado fez cair a receita pela primeira vez, mesmo com o preço médio por cabeça atingindo o maior valor já registrado US\$1,17 mil.

Comparando o último dado disponível do PIB do estado, referente a 2009, com o faturamento das exportações de gado em pé daquele ano, tem-se que 35,5% de toda a riqueza gerada por este setor da economia teve como origem os embarques de animais vivos.

Se a isto for adicionado o faturamento dos embarques de bovinos melhoradores em 2009, US\$13,4 milhões, a participação no PIB chega próxima dos 37%. Tabela 8.

Desde que este negócio teve início, o Pará viu o faturamento com as exportações de gado em pé crescer 84.648% até 2010.



Tabela 8.

Participação da receita com as exportações de gado em pé do Pará no PIB do estado.

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2009*
PIB Agropecuária (milhões de R\$)	3.157	3.664	3.804	3.737	3.862	3.862
PIB Pecuária (milhões de R\$)	2.095	2.455	2.450	2.429	2.330	2.330
Exp. gado em pé Pará (milhões de US\$)	14,9	45,1	255,8	358,8	413,7	413,7
Dólar (R\$) – média do ano	2,44	2,18	1,95	1,84	1,99	1,99
Exp. gado em pé (milhões de R\$)	36,36	98,32	498,81	660,19	823,26	852,90
Fat. (R\$) Exportação/PIB pecuária	1,74%	4,00%	20,36%	27,18%	35,33%	36,61%
Fat. (R\$) Exportação/PIB agropecuária	1,15%	2,68%	13,11%	17,67%	21,32%	22,08%

Fonte: SEPOF / IBGE / MDIC / Elaboração Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

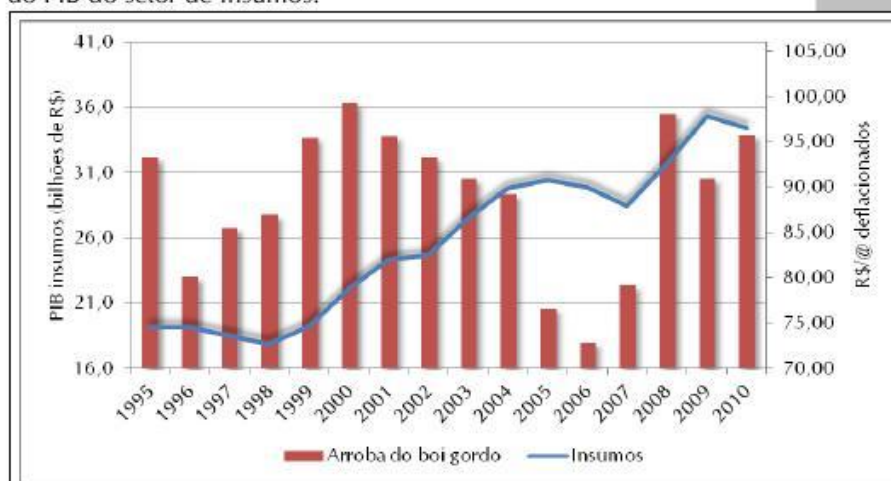
Desta forma, fica clara a importância da exportação de gado em pé para o estado.

Além das divisas geradas diretamente por esta forma de comercialização, o comportamento do segmento de insumos pecuários é dependente do cenário de preços para o boi gordo (tabela 8). Neste contexto, a exportação de gado em pé surge como uma alternativa à venda do boi gordo do estado, agrega valor ao pecuarista e acaba incentivando a aplicação de tecnologia.

Ou seja, pecuarista capitalizado tende a aumentar o investimento na atividade.

Figura 24.

Evolução dos preços deflacionados do boi gordo e do PIB do setor de insumos.



Fonte: Cepea-USP / CNA / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Os ganhos são em cadeia. Maior investimento em insumos desenvolve a indústria deste segmento, que gera mais empregos, que por sua vez se converte em renda para população e, por fim, população capitalizada gera consumo e movimenta a economia do estado.

Os ganhos são em cadeia. Maior investimento em insumos desenvolve a indústria deste segmento, que gera mais empregos, que por sua vez se converte em renda para população e, por fim, população capitalizada gera consumo e movimenta a economia do estado.



Seguindo esta linha de geração de renda e de empregos, o setor de transporte é outro exemplo de setor que se beneficia diretamente com a exportação de bovinos vivos.

Fazendo um exercício rápido, a partir do número de cabeças exportadas em 2011, 402 mil, e supondo que estes animais foram transportados em caminhões boiadeiros com capacidade de 21 cabeças, em média, a demanda foi de 19,4 mil caminhões.

Este valor se traduz em fretes. Considerando o transporte entre fazenda de origem e o estabelecimento pré-embarque (EPE) e depois do EPE até o porto, todos estes animais serão transportados duas vezes, o que gerou, em média, uma contratação de 38,8 mil fretes em 2011 somente para exportação de bovinos vivos.

Extrapolando, isso se traduz em demanda por motoristas, por combustíveis, etc.

Sem contar ainda o transporte de insumos, farelo, silagem e medicamentos veterinários até o EPE.

Além disso, os portos do estado, uma das principais razões pela qual o Pará é o maior exportador de bovinos vivos do país, ganham em movimentação e injeção de capital com este tipo de comércio.

Por fim, há geração de empregos diretamente relacionados às exportações de bovinos vivos, por exemplo, nas áreas de pré-embarque, compra de animais, responsáveis técnicos, fiscais, despachantes, etc.

Ou seja, a atividade movimenta diversos setores da economia do estado.

Seguindo esta linha de geração de renda e de empregos, o setor de transporte é outro exemplo de setor que se beneficia diretamente com a exportação de bovinos vivos...



6. OS GANHOS DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ COM AS EXPORTAÇÕES DE ANIMAIS VIVOS

Qualquer tipo de comércio que seja estabelecido em uma determinada região, estado ou país, seja qual for a abrangência, cria-se um benefício econômico em cadeia ao seu redor, seja na forma de geração de empregos diretos, divisas para uma determinada região, desenvolvimento de um setor, etc..

Conforme argumentado até aqui, a exportação de bovinos vivos é um importante nicho de mercado sob diversos aspectos econômicos e sociais.

Para a pecuária em si, não poderia ser diferente.

Em um ambiente de crescente concentração de compradores (frigoríficos) como o atual, resultando em redução na concorrência por matéria prima e limitando o poder de negociação do pecuarista, a demanda externa por animais vivos tem se mostrado uma alternativa importante para a atividade.

No Pará, os dois maiores grupos frigoríficos do Brasil detêm seis plantas.

Além de ser uma alternativa de venda os exportadores de bovinos vivos normalmente garantem um ágio que varia entre R\$1,00 e R\$2,00 por arroba para cada animal que será exportado.

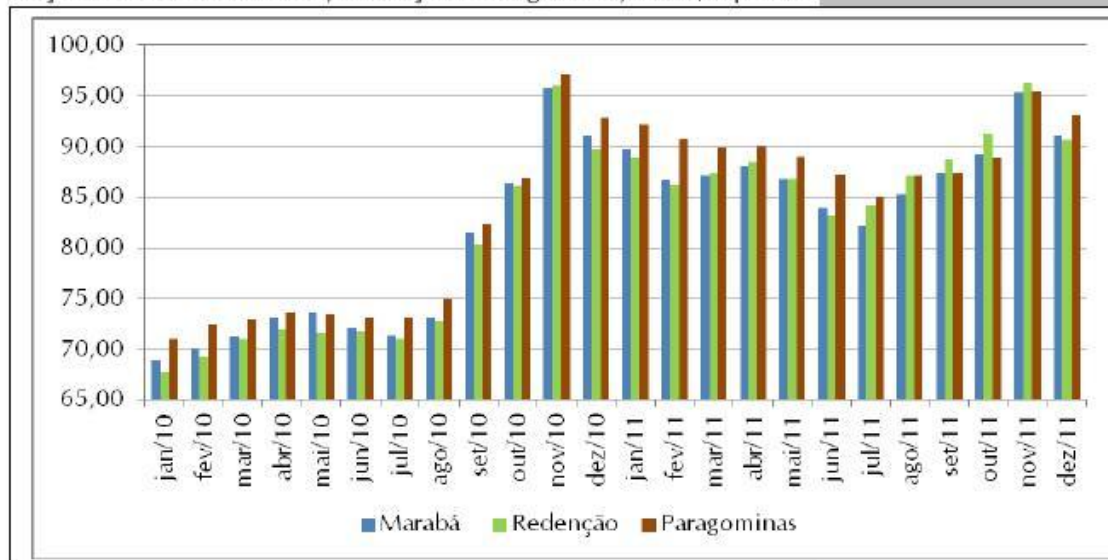
Em Paragominas, por exemplo, principal região exportadora de gado do estado, em função de sua proximidade com os portos, o preço de referência da arroba é 4% maior, em média, em relação às demais praças pecuárias do Pará, diferença que pode chegar aos 15% em meses de maior demanda por animais para exportação.

Em um ambiente de crescente concentração de compradores (frigoríficos) como o atual, resultando em redução na concorrência por matéria prima e limitando o poder de negociação do pecuarista, a demanda externa por animais vivos tem se mostrado uma alternativa importante para a atividade.



Figura 25.

Preços da arroba em Marabá, Redenção e Paragominas, em R\$ a prazo.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Em 2003, ano em que os embarques de animais vivos ganharam força, enquanto na média Brasil os preços subiram 2% ao longo do ano, nas praças paraenses a arroba subiu 6%.

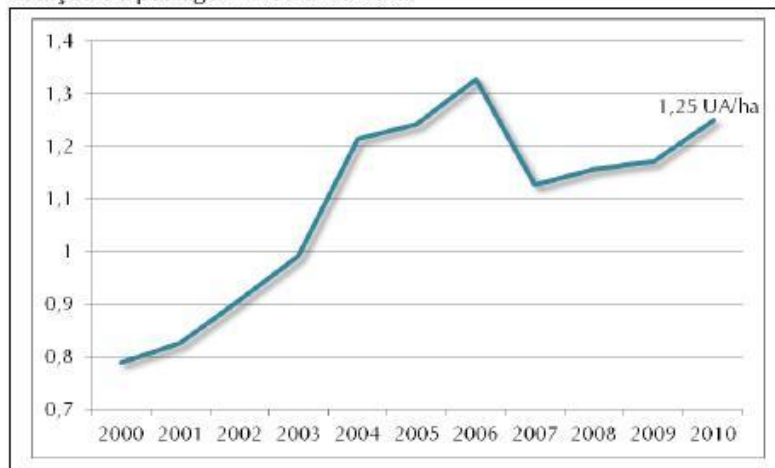
Ou seja, esta atividade agrega valor ao pecuarista.

Este fator que ajuda a “estabilizar” o preço do boi, se converte em investimentos na atividade e tem elevado o nível de tecnificação do produtor do estado.

Note na figura 26 a evolução da lotação de pastagens. Exatamente a partir de 2003, quando tem início a exportação de bovinos vivos, este índice zootécnico teve um crescimento expressivo.

Figura 26.

Lotação de pastagem média no Pará.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Em 2003, ano em que os embarques de animais vivos ganharam força, enquanto na média Brasil os preços subiram 2% ao longo do ano, nas praças paraenses, a arroba teve alta de 6%.



A atividade tem incentivado a adoção de práticas estratégicas de produção como confinamento, semi confinamento, pastejos rotacionados, estratégias de suplementação mineral, etc.

Principalmente em função dos Estabelecimentos de Pré-Embarque (EPE), onde os animais são submetidos a um programa de adaptação nutricional a base de alimentos concentrados, estes sistemas intensivos, antes nada comuns no Pará, tem se popularizado, ganhado força e mais adeptos no estado. Isto acaba desenvolvendo também a agricultura para produção de grãos.

O conceito de sustentabilidade, fundado nas questões econômicas, sociais e ambientais, coincide com os efeitos das exportações de bovinos do Pará.

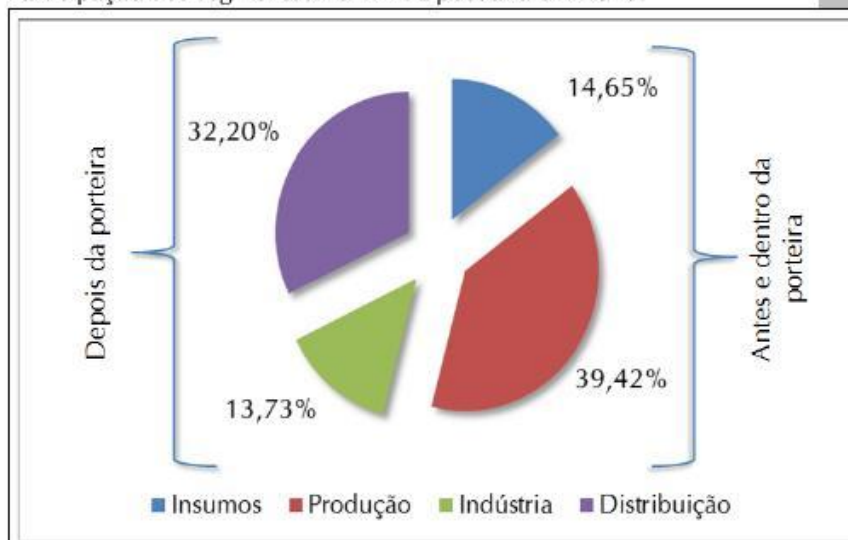
A questão econômica decorre do aumento da receita do pecuarista e dos setores antes da porteira. A questão social, além da produção de alimentos, é decorrente da geração de empregos pela atividade.

A sustentabilidade ambiental ocorre pelo aumento dos investimentos na atividade, o que gera melhor utilização dos recursos, como as pastagens, citadas há pouco.

Por fim, é justamente no segmento de insumos e de produção na fazenda, elos onde os investimentos com gado em pé incidem, que a pecuária agrega mais valor e gera mais riqueza.

Figura 27.

Participação dos segmentos no PIB da pecuária em 2010.



Fonte: Cepea-USP / CNA / Elaborado pela Scot Consultoria –
www.scotconsultoria.com.br

Isso deixa claro o benefício inerente à exportação de gado em pé a toda a cadeia. Investimento e injeção de riquezas nos elos que “carregam” boa parte do setor, ou 55% da pecuária.

...considerando os embarques de 2011 e o consumo médio de ração concentrada por cabeça no trajeto entre Líbano e Venezuela, principais clientes do Brasil, houve um incremento na demanda de 55,8 mil toneladas de rações.



Além disso, o maior investimento em tecnologia, insumos, vai de encontro com a questão da sustentabilidade. O emprego de tecnologia, é o meio de assegurar o crescimento sem o uso de novas áreas.

Porém, isso só será possível se existirem estímulos produtivos suficientes que deem condições de investimento aos fazendeiros da região.

A exportação de gado em pé constitui um desses estímulos. Fato observado nas mudanças que estão sendo implementadas na pecuária do Pará.

É mais um ganho em cadeia.



7. EXPORTAÇÃO DE ANIMAIS MELHORADORES

O potencial do comércio brasileiro de animais vivos não se limita somente a exportação de bovinos de abate e/ou engorda. Aliás, antes de ter início os embarques de gado comercial em 2003, o país já era reconhecido exportador de animais de “alto padrão genético” para reprodução.

Segundo dados disponibilizados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), a partir de 1986, o Brasil comercializou com diversos países 81,6 mil bovinos melhoradores.

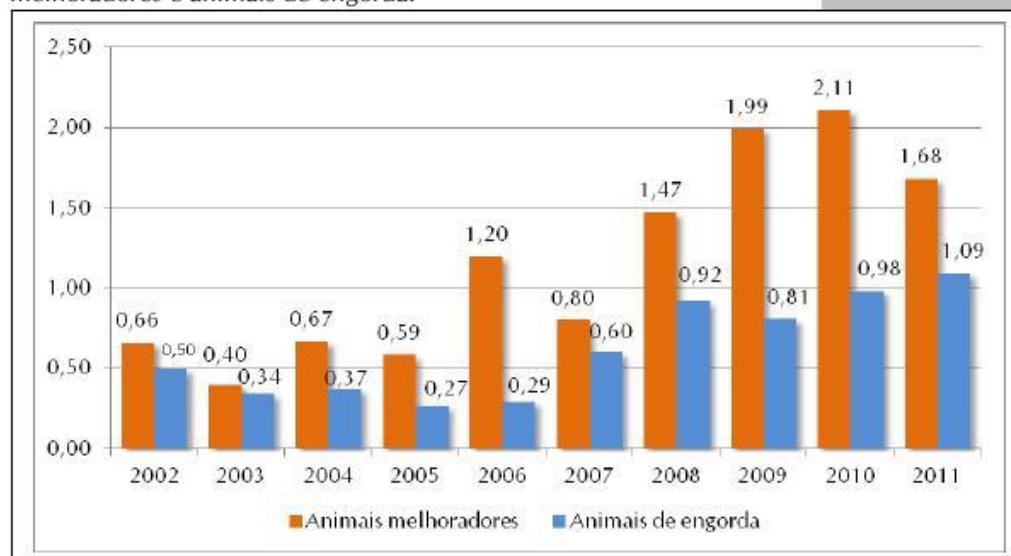
Este mercado tem como característica a exportação de animais de alto valor agregado.

Para se ter ideia, em fevereiro de 2009, a Venezuela comprou 19 animais Puro de Origem (P.O), a um custo total de US\$289,5 mil, ou US\$15,2 mil por cabeça.

Em 2011, cada animal desta categoria foi exportado, em média, por US\$1,68 mil, 59% acima do preço médio do gado geral embarcado. Figura 28.

Figura 28.

Preço médio da cabeça exportada, em mil dólares, de animais melhoradores e animais de engorda.



Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

A função inerente do melhoramento animal, que é multiplicar as matrizes genéticas existentes, dita o ritmo deste comércio e desenha o cenário de vendas em volumes menores e esporádicos para um mesmo cliente.

...antes de ter início os embarques de gado comercial em 2003, o país já era reconhecido exportador de animais de “alto padrão genético” para reprodução.



Isto, pois, uma vez adquiridos, os animais melhoradores permanecem no plantel por anos. Não é uma atividade que necessita de abastecimento constante como ocorre com os animais para abate.

Embora em 2011, Angola, Guiné Equatorial e República do Congo tenham comprado animais para melhoramento do rebanho, - estes dois últimos, aliás, pela primeira vez estabelecem este tipo de negócio com o Brasil -, os compradores esporádicos são Venezuela, Senegal, Colômbia, Bolívia, Paraguai, Angola, Burkina Faso, Benin, Costa do Marfim, Uruguai, Argentina, Filipinas e Equador.

Os importadores estão na América do Sul e África, onde as condições climáticas são semelhantes às do Brasil e, portanto, o zebuino, base do rebanho brasileiro, se adapta melhor.

Angola importou 35% das cabeças embarcadas para reprodução nos últimos dez anos, o equivalente a 21,5 mil animais e a Venezuela, deteve 45% das compras no período ou 27,6 mil animais.

Veja na tabela 9, a participação ano a ano de cada país nas exportações brasileiras.

Tabela 9.

Participação por país nas exportações brasileiras de animais melhoradores.

ANO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Angola	0,00%	0,00%	0,00%	33,30%	0,00%	96,93%	65,28%	11,09%	7,56%	64,98%
Argentina	0,00%	0,13%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Benin	0,00%	0,00%	1,85%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Bolívia	5,04%	0,33%	3,84%	0,22%	0,00%	0,00%	3,55%	0,00%	0,00%	0,00%
Burkina Faso	17,44%	0,00%	0,00%	5,31%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Colômbia	73,16%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Congo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	34,88%
Costa do Marfim	0,00%	0,00%	0,21%	0,00%	13,11%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Equador	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,41%	0,00%	0,00%	0,00%
Filipinas	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	16,62%	0,00%	0,00%
Guiné	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,14%
Paraguai	0,10%	84,15%	23,53%	56,80%	4,12%	1,56%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Senegal	2,33%	13,57%	0,67%	4,38%	82,77%	1,50%	4,57%	0,00%	0,91%	0,00%
Uruguai	0,97%	1,83%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Venezuela	0,97%	0,00%	69,90%	0,00%	0,00%	0,00%	26,19%	72,29%	91,53%	0,00%

Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

São sete os fornecedores deste tipo de animal, São Paulo, Pará, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rondônia e principalmente Minas Gerais, que lidera esse comércio.

Em 2011, quando o Brasil exportou 2,32 mil cabeças de bovinos de alto padrão racial, o menor resultado desde 2006, todos os animais tiveram origem em Minas Gerais.

Minas Gerais é reconhecidamente um importante polo de genética bovina, o que confere ao estado a condição de maior exportador de animais de alto padrão genético.



Tabela 10.
Exportações brasileiras de bovinos melhoradores.

Ano	Faturamento (US\$)	Cabeças	US\$/cabeça
2002	682.434	1.032	661
2003	615.950	1.533	402
2004	3.482.737	5.202	669
2005	1.634.427	2.787	586
2006	1.452.729	1.213	1.198
2007	5.286.722	6.589	802
2008	22.866.186	15.512	1.474
2009	23.995.020	12.033	1.994
2010	25.806.030	12.229	2.110
2011	4.841.326	2.879	1.682
2012*	0	0	-

* entre janeiro e março

Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Na tabela 11, a participação de cada estado exportador no número de animais embarcados pelo Brasil a cada ano.

Tabela 11.
Participação dos estados exportadores no total de animais melhoradores embarcados pelo Brasil.

Ano	MG	SP	MS	PR	RO	RS	PA
2002	66,28%	29,17%	3,49%	0,00%	0,00%	1,07%	0,00%
2003	13,57%	0,46%	84,15%	0,00%	0,00%	1,83%	0,00%
2004	72,63%	3,84%	22,97%	0,56%	0,00%	0,00%	0,00%
2005	50,70%	4,05%	45,03%	0,00%	0,22%	0,00%	0,00%
2006	95,88%	4,12%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
2007	19,93%	80,07%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
2008	67,17%	20,53%	0,00%	0,00%	3,55%	0,00%	8,75%
2009	32,71%	2,29%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	65,00%
2010	0,91%	10,79%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	88,31%
2011	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Minas Gerais é reconhecidamente um importante polo de genética bovina no país, o que confere ao estado a condição de maior exportador de animais de alto padrão genético.

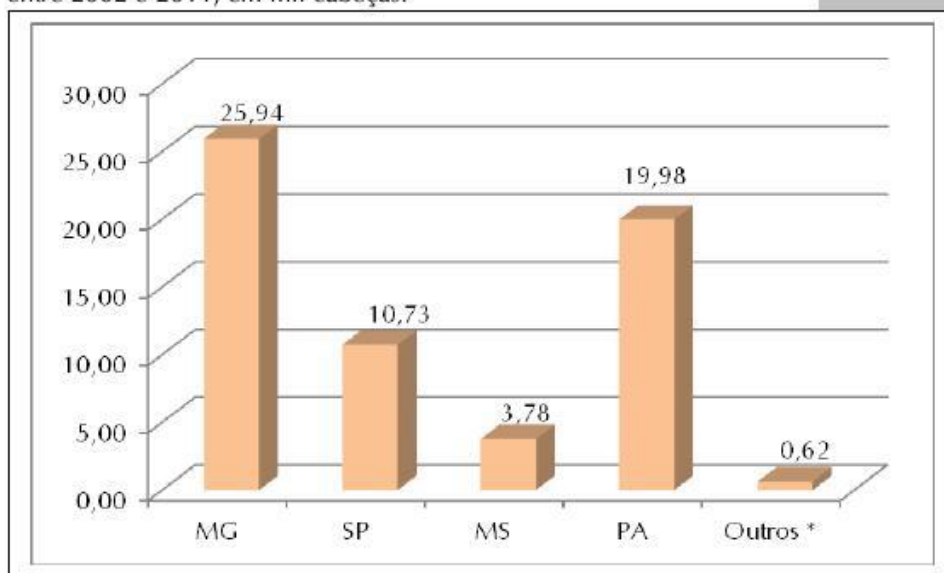
Importantes centrais de inseminação e genética também estão instaladas em São Paulo, estado que merece destaque neste tipo de comércio.

O Pará, que lidera a exportação de animais de engorda e/ou terminação, só entrou nesse negócio em 2008, sendo inclusive o estado que mais exportou em 2009 e 2010 e, em número absolutos de cabeças exportadas nos últimos dez anos, fica atrás somente de Minas Gerais, mesmo não tendo exportado nenhum bovino em 2011.



Figura 29.

Número de animais embarcados pelos principais estados exportadores entre 2002 e 2011, em mil cabeças.



* Paraná, Rio Grande do Sul e Rondônia.

Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Por fim, se trata de mais um nicho importante para a economia pecuária e nacional.

Assim como na exportação de animais de abate/engorda, existe toda uma cadeia envolvida, da indústria de insumos para reprodução a centrais de genética, passando pelas propriedades melhoradoras com seus técnicos e mão de obra especializada, investimentos públicos e privados em estudos para desenvolvimento de técnicas cada vez mais avançadas de propagação genética, associações de classe que desenvolvem programas de remuneração por qualidade de carcaça, etc.

As vendas de sêmen no Brasil, segundo a associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia) cresceram 93% entre 2001 e 2011, atingindo 13,2 milhões no último ano.

Assim como na exportação de animais de abate, existe toda uma cadeia envolvida...



Figura 30.
Vendas de sêmen bovino no Brasil.



Fonte: Asbia / Scot Consultoria – www.scoconsultoria.com.br

A Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF) é outra tecnologia de uso crescente no Brasil. Segundo informações de agentes-chave, em 2002 a técnica era utilizada em 100 mil matrizes, número que subiu para 5 milhões em 2011, crescimento de 4900% no período.

Considerando o preço médio da dose de sêmen, R\$10,50 segundo levantamento da Scot Consultoria, o faturamento chega a R\$52,5 milhões.

Ou seja, este crescimento na utilização de tecnologia de genética, torna atrativa a importação de animais melhoradores. Além disso, a adoção crescente de tecnologia se dá quando existe demanda pelo produto gerado, o que a exportação ajuda a conferir.

... a adoção crescente de tecnologia se dá quando existe demanda pelo produto gerado, o que a exportação ajuda a conferir.



8. PONTOS FAVORÁVEIS A NÃO TAXAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE BOVINOS

A taxaço das exportações de bovinos vivos é uma sollicitação de um único elo da cadeia que julga esta atividade concorrente com a produção de carne bovina.

Além dos inúmeros argumentos apresentados neste trabalho, a seguir serão descritas mais duas razões importantes que defendem a não taxaço deste comércio.

8.1. ISONOMIA FISCAL

Em 2009 o Governo Federal, através da lei 12.058/2009 (art. 32 a 37), suspendeu a cobrança das contribuições Pis-Pasep e Cofins sobre as operações de venda de bovinos e carne.

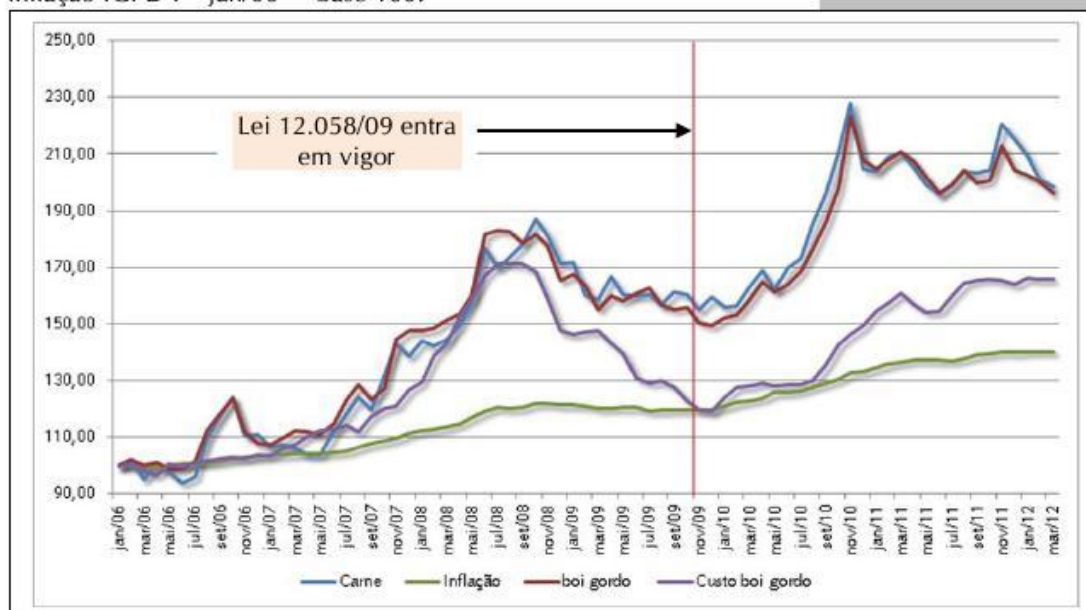
O objetivo inicial era promover uma redução nos preços da carne bovina vendida pelos frigoríficos e assim estimular todo o setor, com o consequente aumento de consumo.

Outro alvo seria a diminuição da informalidade. No entanto, segundo estimativas da Scot Consultoria, os abates informais no Pará representaram 39,1% dos abates totais no estado em 2011.

Analisando a questão dos preços, note na figura 31 que o preço da carne bovina continuou a subir.

Figura 31.

Varição dos preços da arroba do boi gordo em São Paulo, do boi casado, do custo de produção da pecuária de corte e do índice de inflação IGPD-I – jan/06 = base 100.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

...apesar da isenção de tributação, o preço da carne segue aumentando...



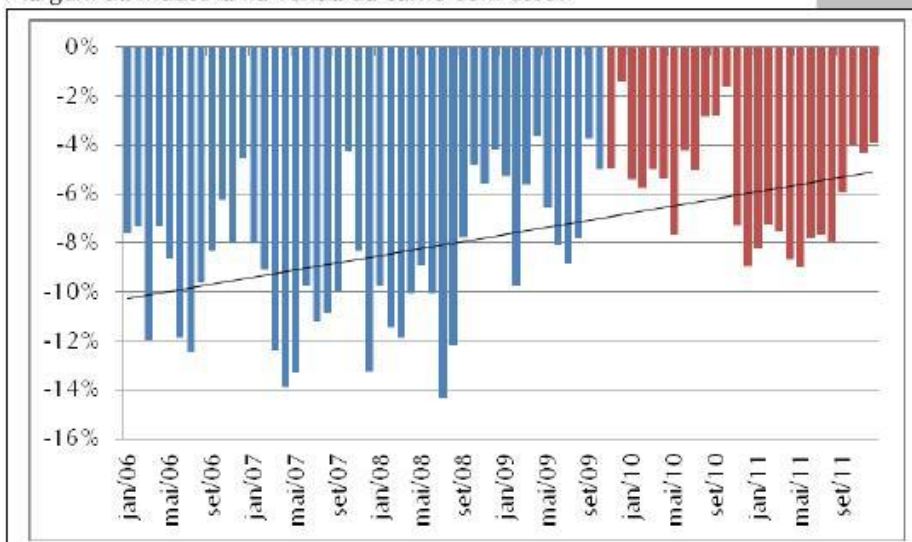
A análise da margem do frigorífico é outro fator que demonstra que apesar da isenção de tributação, o preço da carne segue aumentando e a margem da indústria melhorando mesmo em anos de preços recordes para a arroba do boi gordo como foi 2010 e 2011.

Conforme a figura 32, a defasagem entre o preço pago pela arroba do boi gordo e a venda da carne com osso (Equivalente Físico) está diminuindo ano a ano.

É importante lembrar que é normal este índice variar de forma negativa, o que deixa claro a necessidade do frigorífico vender além de carne com osso seus subprodutos, derivados e cortes sem osso.

...quando a venda for realizada no mercado externo, não há nenhum imposto que incida sobre esta operação com carne bovina.

Figura 32.
Margem da Indústria na venda da carne com osso.



Margem entre o preço de venda da carne com osso (Equivalente físico) e o valor de compra do boi gordo. Este comportamento negativo é considerado normal para este índice e demonstra a necessidade da indústria frigorífica vender os subprodutos e derivados para trabalhar com margens positivas.
Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Da mesma forma, quando a venda for realizada no mercado externo, não há nenhum imposto que incida sobre esta operação com carne bovina.

É neste sentido que se fundamenta a defesa contrária a taxaço na exportação de bovinos vivos.

Além da isenção da PIS e Cofins, as indústrias frigoríficas **exportadoras**, segundo a Lei 12.058/09, podem se creditar desses benefícios, na forma de créditos presumido, considerando 50% das alíquotas incidentes do PIS/Cofins na compra da matéria prima, o boi gordo, quando a produção for destinada ao mercado externo.

Exemplificando, uma indústria que comprou R\$1 milhão em matéria prima (insumo para sua produção), multiplica-se este valor por 50% e por 9,25% (alíquota total do PIS/Cofins). O que resultaria em um crédito de R\$46,2 mil.



Porém, o que determinará o quanto deste valor poderá ser utilizado como crédito para outros impostos, excluindo tributos sociais, é a proporção entre a receita de exportação e a receita bruta total, ou seja, a porcentagem da produção exportada é que determinará o quanto do crédito total poderá ser utilizado.

Concluindo, em se tratando de isonomia tributária, tanto exportação de gado em pé quanto de carne bovina, estão de acordo, ou seja, livres para exercer o comércio.

Porém, o pecuarista exportador não tem direito a crédito presumido, como ocorre com os frigoríficos exportadores.

Veja na tabela 12, onde incide e não incide os tributos e onde há créditos ou não e onde há isonomia.

Tabela 12.

Créditos e tributos incidentes

Parâmetros Fiscais	Gado em pé	Exportação de carne
Crédito presumido	Não	Sim
Tributos para exportação	Não	Não

Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Ou seja, a isonomia, poderia considerar também o crédito presumido para a exportação de gado em pé.

8.2. DEMANDA E ARRECADAÇÃO DE IMPOSTOS

A exportação de bovinos vivos é positiva para o pecuarista por permitir a comercialização com novos parceiros (minimizando os riscos comerciais) e por permitir uma melhor remuneração pela sua produção em médio e longo prazo.

Com esses benefícios, além dos pecuaristas, o elo antes da porteira também obtém ganhos diretos, através do maior investimento em tecnologia, traduzida em insumos e serviços.

Com base nisso, fizemos estimativas do faturamento e da geração de impostos em oito setores da indústria de insumos, descritos no quadro 1.

Em se tratando de isonomia tributária, tanto exportação de gado em pé, quanto de carne bovina, estão de acordo, ou seja, livres para exercer o comércio.



Quadro 1.

Setores que tiveram a arrecadação quantificada.

Alimentos concentrados

- Protéicos e energéticos;

Arares

- Lisos, farpados e de cerca elétrica;

Corretivo agrícola

- Calcário;

Defensivos agrícolas

- Utilizados em pastagens;

Fertilizantes

- Nitrogenados, fosfatados e potássicos, utilizados em pastagens;

Genética

- Reprodutores, sêmen, embriões e receptoras;

Sementes

- Forrageiras;

Suplementação mineral

- Suplementos e núcleos.

Multiplicando-se o preço médio pelo volume comercializado, tem-se o faturamento por categoria e pelo setor.

Os resultados de arrecadação gerados foram alinhados para os dados dos setores em questão para 2010, já que até o fechamento desta publicação não havia dados consolidados de 2011.

A premissa básica que direcionou a estimativa para todos os segmentos foi o cálculo da demanda nacional de cada produto pela pecuária de corte. Após isso, multiplicamos pelo preço médio nacional da unidade, chegando ao faturamento do setor em questão.

Após isso, aplicamos os devidos impostos, de acordo com a incidência e alíquota, conforme descrito na tabela 13.

Os impostos considerados foram o ICMS, o Pis/Cofins e o IPI.

Tabela 13.

Impostos incidentes em cada setor analisado.

Setor	ICMS	Pis/Cofins	IPI
Alimentos concentrados	Sim	Sim	Não
Arares	Sim	Sim	Sim
Corretivos agrícolas	Sim	Não	Não
Defensivos agrícolas	Sim	Não	Não
Fertilizantes	Sim	Não	Não
Genética	Sim	Não	Não
Sementes	Sim	Não	Não
Suplementação mineral	Sim	Sim	Não

Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br



8.2.1. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

ALIMENTOS CONCENTRADOS

Protéicos

A partir de dados consolidados e divulgados pelo Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), referentes ao volume de ração consumido por cada espécie animal (aves, suínos e bovinos) e categoria (bovinos de corte e bovinos de leite) em 2010, tem-se o volume consumido de cada ingrediente – farelo de soja, farelo de algodão e farelo de glúten de milho.

Multiplicando-se o preço médio pelo volume comercializado, tem-se o faturamento por categoria e pelo setor.

Por fim, conforme as alíquotas incidentes do ICMS e Pis/Cofins, foi estimada a arrecadação de impostos pelo setor.

Energéticos

A partir de dados consolidados e divulgados pelo Sindirações, referentes ao volume de ração consumido por cada espécie animal (aves, suínos e bovinos) e categoria (bovinos de corte e bovinos de leite) em 2010, tem-se o volume consumido de cada ingrediente – milho, sorgo e trigo.

Por fim, conforme as alíquotas incidentes do ICMS e Pis/Cofins, foi estimada a arrecadação de impostos pelo setor.

ARAMES

Através do número de estabelecimentos pecuários e sua área média, obtidos no Censo Agropecuário de 2006, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi estimado o comprimento das cercas de perímetro e de divisão interna.

O próximo passo foi obter a área média por piquete e a taxa de renovação anual das cercas externas e internas, dados obtidos com agentes-chave e estimados pela Scot Consultoria.

A partir do faturamento, foi calculada a incidência do IPI, Pis/Cofins e ICMS, considerando as alíquotas vigentes.

CORRETIVOS AGRÍCOLAS

Foram utilizados como base os dados da Associação Brasileira dos Produtores de Calcário Agrícola (ABRACAL), referentes à demanda brasileira por calcário pela agricultura. Dividimos o volume de calcário (toneladas) utilizado por culturas fornecedoras de alimentos para bovinos (milho, soja/farelo de soja, sorgo, etc.). Este valor corresponde à proporção de consumo destas culturas em termos de fertilizantes.

Estimou-se a quantidade de defensivos aplicados em outras culturas utilizadas na alimentação de bovinos como o milho, sorgo, algodão (caroço e farelo), soja (farelo), etc.



Para a estimativa de utilização de calcário em pastagens considerou-se uma taxa de renovação média das pastagens de 2,5% ao ano e uma quantidade aplicada de uma tonelada por hectare.

Para a arrecadação do setor foi utilizada a alíquota ICMS. Estes produtos são isentos de PIS/Cofins.

DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

Para a estimativa de utilização de defensivos em pastagens considerou-se uma taxa de renovação média das pastagens de 2,5% ao ano e uma quantidade aplicada de 2 litros de herbicidas por hectare e 0,9 litro de inseticidas para cigarrinha e outros por hectare. Estes volumes referem-se à média recomendada para os principais produtos relacionados.

Estimou-se a quantidade de defensivos aplicados em outras culturas utilizadas na alimentação de bovinos como o milho, sorgo, algodão (caroço e farelo), soja (farelo), etc.

Para a arrecadação do setor foi utilizada a alíquota de ICMS. Estes produtos são isentos de PIS/Cofins.

FERTILIZANTES

Estimativa feita com base nos dados da Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA) referentes ao volume de fertilizantes entregues ao consumidor final. A demanda de fertilizantes para adubação de pastagem está estimada pela Scot Consultoria em 450 mil toneladas por ano.

Além disto, foi considerada a quantidade de fertilizantes utilizada na produção de milho, soja e sorgo que vai para a alimentação de bovinos. Os dados de volume de alimento por espécie são do Sindirações.

GENÉTICA

Tourinhos

A partir da estratificação do rebanho de corte nacional, foi obtida a quantidade de tourinhos de corte necessária para o rebanho de vacas.

Deste rebanho foi retirada a parcela referente às fêmeas inseminadas, ou seja, as que não utilizam tourinhos, obtendo-se o rebanho total de tourinhos no Brasil.

Deste rebanho resultante, projetou-se a reposição anual com base em taxa encontrada em pesquisa. Dos tourinhos que seriam repostos (comercializados), retiraram-se aqueles que são provenientes do próprio rebanho, também estimados em pesquisa.

Através do número total de tourinhos efetivamente comercializados, calculou-se a receita total. O preço médio foi definido com base em consulta a agentes-chave e no banco de dados da Scot Consultoria.

O preço médio foi definido com base em consulta a agentes-chave e no banco de dados da Scot Consultoria.



Foi considerado venda dentro do estado, portanto sem ICMS. A categoria é livre de outros impostos.

Sêmen

A quantidade de doses comercializadas foi obtida junto à Associação Brasileira de Inseminação Artificial (ASBIA).

O preço médio foi definido com base no banco de dados da Scot Consultoria e consulta a agentes-chave.

O sêmen é isento de PIS/Cofins e ICMS.

SEMENTES FORRAGEIRAS

A participação nas vendas anuais de *Brachiaria*, *Panicum*, outras gramíneas e leguminosas foi multiplicada pela quantidade de sementes de cada grupo usada por hectare e pelo preço médio da semente.

A soma dessas multiplicações foi então multiplicada pela estimativa de hectares reformados ao ano, na taxa de 2,5%.

A partir do faturamento, foi calculada a arrecadação com ICMS, considerando a alíquota interestadual vigente.

SUPLEMENTOS MINERAIS

A partir do volume total comercializado pelo setor em 2010 e da participação de cada tipo de suplemento mineral no total, divulgados pela Associação Brasileira das Indústrias de Suplementação Mineral (ASBRAM), tem-se o volume total de vendas.

Por fim, conforme as alíquotas incidentes, ICMS, Pis/Cofins, foi estimada a arrecadação de impostos pelo setor.

COLABORADORES

Para o cálculo dos encargos sociais relativos à pecuária de corte no Brasil, consideramos um rebanho de corte de 156,6 milhões de cabeças (excluindo os de aptidão leiteira).

A partir daí, estimamos uma relação de 450 cabeças por colaborador, incluindo os peões e capatazes, que tem uma relação de 800 cabeças por colaborador.

Para o salário médio, estimamos três salários mínimos para os colaboradores do administrativo e dois salários mínimos para peões e capatazes.

Diante do montante pago, incidimos 40,8% referente aos encargos sociais (consideramos o INSS, SAT, salário educação, INCRA/SEST/SEBRAE/SENAT, FGTS, FGTS/provisão de multa para de rescisão).

A soma dos impostos (ICMS, Pis/Cofins e IPI) dos setores analisados foi de R\$1,26 bilhão.



8.2.2 RESULTADOS

8.2.2.1 INDÚSTRIA DE INSUMOS

As estimativas, tanto do faturamento nacional, como dos impostos arrecadados estão na tabela 14.

Tabela 14.

Faturamento bruto e impostos pagos pela indústria de insumos analisadas em 2010.

Setor	Faturamento bruto (R\$)	Impostos sobre a venda (R\$)
Alimentos concentrados	973.431.355,39	136.767.105,43
Arames	1.403.399.540,48	323.483.594,08
Corretivos agrícolas	190.043.016,85	22.805.162,02
Defensivos agrícolas	1.907.405.312,33	228.888.637,48
Fertilizantes	584.796.979,43	70.175.637,53
Genética	2.303.686.678,12	135.576.854,67
Sementes	357.165.565,33	21.429.933,92
Suplementação mineral	2.300.000.000,00	323.150.000,00
Segmentos analisados	10.019.928.447,94	1.262.276.925,14

Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

A soma dos impostos (ICMS, Pis/Cofins e IPI) dos setores analisados foi de R\$1,26 bilhão. Se considerarmos que estes são apenas oito exemplos de insumos consumidos pela pecuária, pode-se ter ideia do tamanho da contribuição desse elo.

E QUAL A RELAÇÃO COM A TAXAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE BOVINOS VIVOS?

O que ocorre é que caso a exportação de bovinos vivos venham a ser taxada, certamente esta atividade comercial deixe de existir.

A taxação se traduziria em uma reserva de mercado para os grandes frigoríficos, já em estado avançado de concentração, prejudicando os exportadores, pecuaristas, indústrias de insumos e o estado, cuja arrecadação certamente cairá em decorrência desta medida. Com certeza inviabilizará a manutenção de investimentos e aplicação de novas tecnologias em curto, médio e longo prazos.

Em outro exercício, considerando que o número de bovinos exportados em 2010 foi de 642 mil cabeças, e aplicando-se o desfrute médio do Brasil, de 20,1%, tem-se que o rebanho originário destes bovinos exportados soma 3,2 milhões de cabeças.

Aplicando-se a esse rebanho, proporcionalmente, o faturamento apontado para os setores analisados, bem como os impostos arrecadados, tem-se que a exportação de gado em pé contribuiu com R\$204,6 milhões para o setor de insumos e R\$25,8 milhões em arrecadação de impostos.

... a exportação de gado em pé contribuiu com R\$204,6 milhões para o setor de insumos e R\$25,8 milhões em arrecadação de impostos.



8.2.2.2 NA FAZENDA

Na fazenda a arrecadação também é expressiva.

Considerando os parâmetros citados no item 7.1.9, estimamos em 348 mil os empregos diretos gerados no campo em razão da pecuária de corte.

Estima-se que os encargos sociais, em nível nacional, atingem R\$2,58 bilhões, revelando a importância social e tributária da pecuária de corte no Brasil.

O rebanho gerador das cabeças exportadas em 2010 seria responsável pela arrecadação de R\$52,7 milhões em encargos sociais.

O rebanho gerador das cabeças exportadas em 2010 seria responsável pela arrecadação de R\$52,7 milhões em encargos sociais.



9. FINAL

A exportação de bovinos vivos se consolidou no Brasil, inicialmente pela demanda existente e pela oportunidade de negócio. Havia quem quisesse comprar e o Brasil estava apto a vender. Atualmente existe uma gama enorme de setores que dependem desse comércio, desse canal de escoamento da produção e, que se desenvolveram com a ajuda das exportações de bovinos vivos. É preciso contabilizar os empregos gerados direta e indiretamente.

A concentração atual de compradores (frigoríficos) faz aumentar a importância dos embarques de gado em pé.

Países como Austrália, Canadá e México, que possuem rebanhos menores que o brasileiro, exportam volumes muito maiores há anos.

A atividade no Brasil é dependente ainda de um número restrito de compradores, sendo sensível a oscilações econômicas de todos os tipos, a exemplo do que ocorreu em 2011, quando o volume exportado caiu 37%.

Por fim, é uma oportunidade existente para o produtor rural, que, conforme demonstrado neste estudo, não concorre ou reduz a competitividade de outras formas de comercialização da produção pecuária, sendo o contrário, verdadeiro, pois promove a pecuária e todos os elos que compõem a cadeia. ■

...promove a pecuária e todos os elos dependentes deste setor.



10. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ABIEC - Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne.
< www.abiec.com.br >

ABRACAL. < www.abracal.com.br > . Acessado em abril de 2012.

ABS - Australian Bureau of Statistics. < www.abs.gov.au >

ANDA. < www.anda.org.br > . Acessado em abril de 2012.

ASBIA - Associação Brasileira de Inseminação Artificial.
< www.asbia.org.br >

ASBRAM. < www.asbram.org.br > . Acessado em abril de 2012.

Brazilian Cattle. < <http://www.braziliancattle.com.br> > .

Cálculos de encargos sociais e trabalhistas.
< <http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/custostrabalhistas.htm> >
Acessado em abril de 2012.

Cepea/USP - Centro de Estudos Avançados Em Economia Aplicada –
ESALQ/USP. < www.cepea.esalq.usp.br >

Conab - Companhia Nacional de Abastecimento.
< www.conab.gov.br >

FGV - Fundação Getúlio Vargas. < www.fgv.br >

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
< www.ibge.gov.br >

IDESP - Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental
do Governo do Pará. < www.idesp.pa.gov.br >

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio
Exterior. < www.mdic.gov.br >

MLA - Meat & Livestock Australia. < www.mla.com.au >

MME - Ministério de Minas e Energia. < www.mme.gov.br >

Scot Consultoria. Banco de dados da empresa.

Sindirações. < sindiracoes.org.br > . Acessado em abril de 2012.

USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.
< www.usda.gov >



Associação Brasileira dos Exportadores de Gado

Avenida Governador José Malcher, 485 - loja B
Belém do Pará, Pará
66035-100
91 32221393



17 3343 5111
www.scotconsultoria.com.br
scotconsultoria@scotconsultoria.com.br
Caixa postal 14, Bebedouro - SP, 14700 - 970